

JOÃO BATISTA DE LA SALLE

O PROFETA DE REIMS

TEATRO EM 5 ATOS

DIREÇÃO

Ir. Pedro Jiménez Marin – Bolívia

Tradução

Irmão Albino Affonso Ludwig

PERSONAGENS

(Por ordem de intervenção)

Nicolau Vuyard, homem do povo e Irmão
Gabriel Drolin, homem do povo e Irmão
Charles-Maurice LETELLIER, arcebispo de Reims
Louis-Antoine de NOAILLES, arcebispo de Paris (cardeal)
Pe. Baudran, pároco
Pe. Pirot, vigário
Pe. De la Chétardie, pároco
Maria de La Salle, irmã de João Batista
Pedro de La Salle, irmão de João Batista
João Luís de La Salle, sacerdote, Irmão de João Batista
Sra. de Maillefair, parenta de João B. de La Salle
Sr. de Armestat, cavalheiro
Bartolomeu, mendigo e Irmão
Adriano Nyel, iniciador de escolas, leigo
JOÃO BATISTA DE LA SALLE, Fundador
Pe. Dorigny, sacerdote e amigo de João Batista
Sarabelle, jovem nobre
Rapaz
Sra. Francisca d'Aubigne, marquesa
Henrique L'Heureux, jovem da plebe e Irmão
Maurício, jovem do povo e Irmão
Nicolau Bourlette, jovem do povo e Irmão
João Francisco, jovem do povo e Irmão
Pe. Bricot, nobre
Irmã Luísa

ATO I

(Escuro total na sala. Em primeiro plano inicia uma música barroca. O pano abre-se lentamente. O palco está completamente iluminado como se fosse meia tarde. É o momento da sesta...Nos bastidores aparece uma rua suntuosa de Paris do século XVII. Nela transitam grupos de cidadãos de acordo com as classes sociais)

- Nicolau:* Só fome é que tenho no estômago; só ódio na cabeça e fel no coração. Isto acontece comigo desde que nasci nesta terra – dizem que é minha – chamada França.
- Gabriel:* É de desesperar olhar a vida sem compreendê-la; andar por essas ruas sem saber nada de nada; pegar nos livros sem saber se estão direitos ou de ponta-cabeça.
- Nicolau:* Somos menos do que objetos nesta sociedade do Rei Sol. Os nobres dormem na cama frágil do tempo. pensam que isto vai durar sempre.
- Gabriel:* Dizem que têm sangue azul. Eu prefiro tê-lo vermelho, bem vermelho. Desta maneira, no meio de meus farrapos, lateja a esperança humana de mudança...
- Nicolau:* Eu já perdi a esperança na vida. Quando ouço falar de mudanças sociais, meu corpo se torce de pura raiva. Até os sermões do clero me parecem uma ilusão. Faz pouco, o Pe. Baudran e hoje o Pe. De La Chétardie gritam do púlpito: “Deus é Pai de todos”. “Todos somos irmãos...”. Tenho sérias dúvidas a esse respeito. Acho que tais afirmações são verdadeiras heresias.
- Gabriel:* Eu também. Na minha paróquia – a de São Maurício – tanto os sermões como o catecismo são apenas momentos para rir de Deus em público...Por isso estou perdendo a pouca fé que herdei de meus pais...
- Nicolau:* O mais terrível são os milhares de analfabetos e vagabundos que andam pelas ruas das grandes cidades. O Rei Luís XIV quer chamar-se: Rei Sol. Melhor seria que se chamasse Rei Noite, já que não ilumina a nada e se mostra cego diante de tanta miséria.
- Gabriel:* *(Confidencial)* Fala baixo, Nicolau...as paredes têm ouvidos, os muros fabricam rumores...nada mais nos resta a esperar. Algum dia nascerá o homem que mude tudo isto. Um homem que beba o vinho em nosso barzinho; que parta o pão em nossa mesa; que leia conosco as primeiras letras; que aprenda nossa gíria...numa palavra, que nos ame a nós e a nossos filhos...
- Nicolau:* Que fale por nós, que conheça nosso medo; que brinque com nossas crianças; que saiba o que passa pela rua...que não traga ódio na veias...que cante nossas canções...
- Gabriel:* Que seja transparente no falar e no agir... que nos ensine a viver... a viver como pessoas humanas...
- Nicolau:* *(mudando o tom da voz)* Acho que falamos por falar. A fome e a ignorância são as fontes de inspiração do pobre.
- Gabriel:* Estivemos pensando em voz alta. Não fizemos demagogia. Não pretendemos subir de posto. Simplesmente queremos ser pessoas humanas e não nos confundir com os animais. *(Enquanto diz isso, um grupo de*

mendigos entra em cena. Um por um estendem os braços ao público pedindo esmola...a gritaria aumenta até ficar estridente. Gabriel deixa ouvir seu protesto acima da voz dos mendigos. Chateado e desesperado lhes diz:) Não peçam esmola. Não peçam esmola! Gritem mais alto ao céu pedindo que nasça um homem que sofra nossa miséria em sua carne; que sinta o sabor amargo de nossa ignorância em sua boca. Gritem mais alto! (Cai exausto. Todos rodeiam a Gabriel. Nicolau se abre caminho para acudir a seu amigo).

Nicolau: Deixem-no, por favor! Deixem-no. Ele está cheio de tantas verdades que acaba de falar. Como não tem força física, desmaiou de pura fraqueza. *(Repentinamente irrompe um grupo de clérigos. Os mendigos abandonam Gabriel e a Nicolau e se lançam aos clérigos, pedindo esmola. Alguns atendem; outros, não. Nicolau fica sozinho. Diante da atitude servil dos mendigos, grita:)* Bando de miseráveis! Têm a cabeça cheia de preguiça. *(Os clérigos começam a falar. Atraem a atenção do público).*

Le Tellier: *(Dirigindo-se ao cardeal de Noailles, com muita cerimônia).* Eminência, espero encontrá-lo sempre gozando de boa saúde, a pesar de tantos dissabores que a vida lhe oferece. Sua serenidade é admirável.

De Noailles: Merci, Monsieur Le Tellier. O que me acaba de dizer é um bálsamo para minha vida atribulada com tantos problemas. V. Revma., como homem inteligente, sabe das dificuldades que preciso suportar: o jansenismo, a rebelião dos camisas vermelhas, as boas relações que preciso manter com a coroa, a ambição do protestantismo...também me preocupa a fome que açoita nossa querida França.

Baudran: Não precisaria dar tantas voltas. O senhor não carrega o mundo sobre os ombros. Todas as desgraças são consequência do pecado, sobretudo o pecado de falta de fé. Deus se afastou de tanta gente porque se transgridem as sagradas leis.

Pirot: Contemplo o futuro de nossa formosa França carregada de nuvens negras. Existem por aí aves de agouro que pregam a igualdade. Diante dos discursos, as massas se alvoroçam e se sublevam contra os decretos do Rei.

De Noailles: O mesmo acontece nas fileiras do clero. Fala-se de um tal João Batista de La Salle, de berço nobre, oriundo da esplendorosa cidade de Reims, o qual tem algumas idéias muito esquisitas. Anda com gente da classe baixa, fanático para fundar escolas. Conta-se até que renunciou ao seu canonicato e está disposto a repartir entre os pobres os bens de sua casa. Há tanto comentário.....

Le Tellier: A conduta de La Salle é incompreensível. Não lhe falta a graça batismal. Ovi dizer que foi batizado pelo ilustre bispo de Olonne, João de Maltran. Todos os que passaram por suas mãos se distinguiram por sua santidade e inteireza. De qualquer maneira, ele necessitará de minha autorização para renunciar a seu canonicato. E não estou disposto a concedê-lo.

Pirot: A exceção confirma a regra. La Salle perdeu o juízo com o falecimento prematuro de seus pais. Muito novo ficou encarregado de seus irmãos. João Batista carrega a desilusão da desgraça. Os que andam com ele sofrem do mesmo mal.

Baudran: Não podemos ser injustos. No círculo de amigos que tem, ele conta com excelentes sacerdotes, como Nicolau Barré, Nicolau Roland. Ainda é muito cedo fazer uma avaliação. O tempo no-lo dirá.

- Le Tellier:* (Fazendo sinal de silêncio) Ali vem Monsieur de la Chétardie, amigo de La Salle. (Entra M. de la Chétardie, saúda a todos começando pelo cardeal de Noailles. Todos correspondem a sua saudação). Seja bem-vindo a esta reunião informal de amigos. Estávamos falando de temas importantes e da atitude estranha de nosso irmão o Sr. de La Salle.
- Chétardie:* Espero que o façam com muita caridade. A língua – como se diz – é a arma eficaz para construir e destruir.
- De Noailles:* Gostaríamos de conhecer a sua opinião sobre a atitude de João Batista de La Salle.
- Chétardie:* Pelo que vejo, minha opinião lhes interessa bastante. Para mim, o Sr. de La Salle é um servo de Deus. O que ele está fazendo é simples e admirável: reúne em suas escolas as crianças e os jovens abandonados, dá-lhes instrução, educa-os na fé cristã... numa palavra, ele se preocupa da gente.
- Pirot:* Acho que João Batista quer brincar de herói. É um fanático da gente da classe baixa.
- Chétardie:* Não estou de acordo com o senhor. João Batista é um sacerdote inquieto, com muita imaginação. O mesmo aconteceu com Pedro Fourier, Charles Demia, Nicolau Barré e outros.
- Baudran:* Eles não procuraram popularidade, nem divisão. Trabalharam em silêncio.
- Chétardie:* Quem é que diz que João Batista procura popularidade? Em sua conduta eu vejo sinais de um verdadeiro homem de fé. Já assinou a renúncia a seu canonicato em favor de um sacerdote pobre, o Pe. Faubert, está a ponto de abandonar sua mansão senhorial do Hotel de la Cloche...pensou em desfazer-se de seus bens...pretender a popularidade ao preço de ficar na rua é alguma coisa a mais do que fanatismo.
- Pirot:* Pelo visto, João Batista tem, no senhor, um amigo e confidente. A astúcia de nosso fanático se torna proverbial. Ele se rodeia de ricos e de mendigos ao mesmo tempo. Assim tem o comando a qualquer hora.
- Le Tellier:* (Procurando intermediar a discussão) Sem querer censurá-lo, creio que La Salle tem muito tempo livre. Deixou o coro. Celebra uma missa diária... sobra-lhe muito tempo. isto explica sua paixão pelas escolas.
- Chétardie:* Não sou o único que admira a João Batista. O Pe. De la Barmondière, o cônego Philbert, D. Godet de Marais e outros o consideram um verdadeiro servo de Deus...Além disso (Dirige-se a todos. Voz firme) Por que é que seu proceder nos incomoda? Quem de nós seria capaz de desempenhar o papel original dele? (Encara todos com firmeza). Falamos dele porque nos interessa ou porque nos questiona?
- Noailles:* (Corta o entusiasmo de Chétardie. Em tom imperativo diz:) Nós carregamos o mal endêmico em nossas entranhas. Queremos regularizar os males com a força lânguida de nossas palavras. Recitamos a lição. Ignoramos a realidade profunda da vida. Deixemos a João Batista em paz. O tempo dirá se estamos diante de um santo ou diante de um demônio. (Todos se calam Irrompe Nicolau. Fala desde os bastidores).
- Nicolau:* O Sr. de La Salle é o homem que precisamos. Se o clero fala dele com tanta veemência, é porque a atitude dele o incomoda. Acho que surgiu um homem com sangue nas veias. (Levanta o punho ao céu e diz:) Ainda acredito em ti, a quem chamam de Deus. (Nicolau continua

entusiasmado. Cala-se ao ver chegar o grupo de nobres. Retira-se ao canto onde Gabriel está se recuperando).

Maria: A atitude de nosso irmão João Batista é uma humilhação para todos nós. Ele passa dias inteiros cuidando de escolinhas de caridade. E anda rodeado de gente da ralé da sociedade.

Pedro: Meus amigos me apontam com o dedo e dizem: Lá vai o irmão de um lunático...muitos dos meus me deram as costas...Meus amigos se afastam e não querem saber nada comigo.

João Luís: A maior vergonha sou eu que a sofro. Ele me deixa sem canonicato. Meus irmãos sacerdotes me lastimam. Não me o dizem na cara, mas colocam bilhetes ridículos nas minhas costas. Tenho muita dificuldade para rezar o Pai-Nosso nas cinco missas que celebro cada dia.

Maillefer: Ele é a ovelha negra de nossa parentela. Nossa genealogia brilha com guerreiros, literatos, juristas, missionários, sacerdotes. Todos eles figuram nos anais de nossa história. Seus pais, o Sr. Luís de La Salle e D. Nicola Moet, o educaram nos costumes mais requintados da aristocracia francesa. Realmente, João Batista é a mancha de nossa família.

Armestat: *(Procurando impressionar a todos, sobretudo a Maria, a quem namorica).* Não se ganha nada com lamúrias. João Batista procura companhia. Ele se sente muito sozinho. Falta-lhe a companhia das mulheres, do vinho, das festas... Podem deixar: eu me encarregarei disso. Já troquei a coroa de muitos santarrões.

Maria: Não duvido de suas virtudes, Sr. Armestat. Contudo, mudar-lhe a cabeça vai ser muito difícil. Meu irmão nunca foi um santarrão. Ele amava a vida. Tinha muitas amigas de famílias nobres. De repente mudou de conduta. Pensávamos que era consequência de seu estado sacerdotal. Mas o tempo nos diz que a mudança obedece a motivações desconhecidas... Em todo caso, Sr. Armestat, deixamos em suas mãos o futuro de nosso irmão.

Armestat: Por você, senhorita Maria, eu faria qualquer coisa.

João Luís: Eu fracassei no meu intento. Falei-lhe de homem para homem. De sacerdote para sacerdote. Ele é duro como uma parede. Tem argumentos muito originais e difíceis de rebater.

Maillefer: João Batista deve proceder como procede um bom padre. O verdadeiro sacerdote administra os sacramentos, celebra com fervor a S. missa, aprofunda a ciência da teologia, preside a piedade popular, prepara o sermão dominical... são os conselhos de seu ilustre tio, o cônego Pedro Dozet. Foi ele que lhe disse: “Lembre-se, João Batista, que um cônego deve ser como um cartuxo, e passar sua vida em oração e no retiro”. João Batista se ocupa do que não lhe compete. Anda fanatizado pelas Escolas de Caridade.

Maria: Meu irmão não tem personalidade. Tem a mania de fundar, abrir escolas, dar esmolas aos vagabundos...*(Todos se calam. Depois de um longo silêncio convida todos a rezar)* Peçamos a ajuda de Deus pela saúde de nosso irmão.

João Luís: Sim; rezemos com fervor. Vamos ajoelhar; juntemos as mãos. *(Todos obedecem. Armestat permanece de pé. Seu rosto expressa indiferença e zombaria. Manifesta fria educação para Maria. João Luís preside a oração em voz alta. Os outros seguem).* “Ó Deus, tu diriges a vida dos homens com suavidade e energia. Dirige teus olhos clementes sobre nosso

irmão João Batista cujo espírito está possesso do demônio. Expulsa o mau espírito que o ameaça, assim como ameaçava o possesso de Gerasa. Que ele fique liberto de todos os ataques do mal. Que seja um sacerdote santo e um homem normal. Nós te pedimos isto com fervor de filhos. *(Entram outros mendigos, principalmente jovens. Um deles, chamado Bartolomeu, é o líder. Todos escutam a oração desesperada de João Luís. Bartolomeu o interrompe).*

Bartolomeu: Escute, Senhor. Sua oração não será atendida por Deus. Deus atende quando se pede com sinceridade. Conheço muito bem a João Batista. Sou um de seus amigos. Ele não é nenhum maluco. Ele é um homem de fé de Reims. O profeta dos analfabetos. Largou tudo por uma causa nobre. Graças a sua opção sou uma pessoa humana. Deixei de ser uma besta de carga. *(Estas palavras incomodam os nobres. Eles o rodeiam com fúria).*

Maillefer: *(Furiosíssima)* Fora daqui!...onde é que se viu que o ignorante pretenda ensinar o nobre. A farinha fina não se mistura com a ordinária.

Bartolomeu: *(Com dignidade)* Madame, pessoas como a senhora desfiguram o rosto da Igreja. Desculpe! A senhora é uma grande pecadora. Quem lhe pode mudar a vida é justamente o homem a quem a senhora quer aviltar. Refiro-me a João Batista... Vá... vá! *(Pedro interrompe furiosíssimo e xinga a Bartolomeu).*

Pedro: A que ponto chegas, seu desgraçado!...João Batista te passou complexos de grandeza. Fora daqui... *(Agarra-o aos repelões. Todos se alvoroam. Os clérigos assomam ao lugar do incidente, e se fazem de espectadores. Maillefer, Maria, Pedro, João Luís aumentam a agressão. Um depois do outro o golpeiam. Os mendigos aproximam-se para olhar. Nicolau procura defender Bartolomeu)*

Bartolomeu: *(Também agredido, exclama)* Quando um homem agride um outro sem motivo, já perdeu a batalha. A lógica das pancadas não muda o curso da história. Eu... eu acredito em João Batista de La Salle. Creio em sua intuição. Creio nas reformas que pretende fazer. Creio, sobretudo, naquele que, lá do céu, o move e inspira a proceder desta maneira. *(Bartolomeu desmaia. Os mendigos acodem. Nicolau apoia a cabeça de Bartolomeu e encara os nobres. Todos se retiram a começar pelos clérigos. Somente Armestat permanece a certa distância).*

Nicolau: *(Confidencialmente a Bartolomeu)* Amigo, estamos com você. Cremos em João Batista de La Salle e em seu Deus. Você sabe onde é que ele mora? Mostre-nos o caminho. *(Levantam a Bartolomeu).* Conduza-nos até ele. Queremos partilhar a sorte dele.

Bartolomeu: *(Com expressão de dor)* Vou levá-los até lá. Indicarei o caminho. Irei com vocês. Depois de nós, muitos, muitos outros seguirão nossas pegadas.

Gabriel: *(Endireitando-se)* Estou morrendo de curiosidade. A esperança desponta em minha vida. Quero conhecer a João Batista de La Salle. *(Todos saem exceto o cavaleiro Armestat. Chegando-se ao primeiro plano, fala ao público)*

Arместat: Até hoje, nunca vi coisa assim. Os nobres instruídos pela plebe... duas forças correm por minha mente: a loucura e a coragem de João Batista, de um lado, e do outro, a clarividência dos que o conhecem e o seguem. Uma coisa eu sei: se La Salle fosse um homem medíocre, não teria levan-

tado tanta polvorosa. Lá onde os homens se reúnem para fazer comentários, ali há assunto para o bem ou para o mal.....

Cai o pano

ATO II

(Interior de um salão senhorial com ornamento luxuoso. Atmosfera de muita intimidade. É importante a presença de alguma imagem sagrada, sinal da transformação da vida da Sra. Maillefer. Poltronas no soalho coberto de tapetes de muito valor).

Maillefer: *(Compungida e arrependida)* Como eu estava obcecada!!!...

Nyel: *(Respeitosamente)* Boa tarde, madame! *(Beija-lhe a mão)* Desculpe minha demora. O caminho é perigoso. A fome faz dos vagabundos uns foragidos. O cocheiro teve de tomar as mais sérias providências... Graças a Deus, aqui estou.

Maillefer: *(Entusiasmada)*. Sente-se, Sr. Nyel. Depois de conversarmos, terá o merecido descanso. Reservei-lhe o melhor quarto. Além disso, um banho com água quente o aguarda.

Nyel: Merci, madame. Não mereço tantas atenções... Estou escutando.

Maillefer: *(Senta-se)* Sr. Nyel, estou sabendo de seu grande interesse pelas crianças. Em Ruão abriram várias escolas, não é? Eu gostaria que o senhor fizesse o mesmo em Reims; que lhe parece?

Nyel: *(Com estranheza)* Desculpe, madame; estou muito confuso. Tive referências muito desagradáveis da senhora. Madame tem fama de ser muito avarenta, muito cruel com os pobres... Será que estou enganado?

Maillefer: Antes, eu era assim... quero começar uma vida nova.

Nyel: Fundar escolas exige muito dinheiro. As de Reims vivem graças à generosidade dos Srs. Vigários. Algumas funcionam porque mantêm oficinas

de produção. Mas funcionam com muito sacrifício. O suporte econômico é necessário. Muitas escolas já foram fechadas...

Maillefer: *(Incisiva)* Não se preocupe com dinheiro. Eu destino todos os meus bens para a obra das escolas. Já não sou nova... O que lhe peço é sua colaboração na linha das fundações.

Nyel: *(Admirado e confuso)* Louvado seja Deus! *(Muito contente)* Aceito sua proposta. Fundarei escolas, tantas quantas forem necessárias... mas existe ainda um pequeno problema, madame. Eu sou estranho em Reims. A senhora poderia...

Maillefer: Pensei nisto, Sr. Nyel. Vou entregar-lhe algumas cartas de apresentação para um parente meu, chamado João Batista de La Salle. É um sacerdote, um sacerdote virtuoso, ele está muito interessado em escolas de caridade.

Nyel: Sim, ouvi falar da virtude admirável dele. É um homem discutido. Sem o conhecer, creio nele.

Maillefer: Antes eu não acreditava nele. Agora estou do lado dele. Sinto-me orgulhosa de ter um parente tão admirável.

Nyel: As fundações de Reims têm todas as condições de garantirem êxito. De um lado, o suporte econômico que corre por conta da senhora; de outro, o interesse e o zelo do Sr. de La Salle. Madame, abrir uma escola é coisa fácil. De começo experimenta-se alegria indiscreta que chega às raias da plenitude humana. O duro está na constância *(confidencial)* Eu estou fascinado para abrir escolas, mas não tenho nenhuma vontade de ficar nelas.

Maillefer: Também penso... Sr. Nyel, deixe de lado qualquer temor. O Sr. de La Salle tem a tenacidade da história. Nunca se renderá. A centelha das fundações vai se transformar em grande fogueira da educação, que vai arder por séculos e séculos. *(Procura encerrar o diálogo)* não falemos mais nisso. Tudo está claro: o senhor vai abrir as escolas, João Batista permanecerá firme na luta, eu me encarregarei de todos os gastos... creio que é hora de descansar. Os empregados lhe vão servir uma boa refeição, lhe mostrarão o quarto... Boa noite!...

Nyel: Boa noite! Madame. *(Sai)* esta noite descansarei como nunca nos últimos vinte anos.

Maillefer: Este é o primeiro dia de toda a minha vida que colho flores de meu próprio jardim para oferecê-las aos outros. *(Em primeiro plano)* Sinto uma felicidade indescritível. Até hoje, os outros eram um estorvo... Vou preparar tudo para amanhã. Como é bonito dizer “amanhã”, quando há motivos para viver... *(Tudo escuro)*.

(No intervalo troca-se a disposição dos móveis. Um escritório muito simples vem iluminado na cena. Algumas cadeiras. Sobre a mesa, alguns livros, folhas de apontamentos. Luzes sugerindo o entardecer...)

La Salle: Cresci à custa de golpes dos acontecimentos. Minha história se desenvolveu rapidamente. Fui educado no colégio dos Bons Meninos. Ingressei no Seminário de S. Sulpício de Paris. Sou sacerdote. Com a morte de meus pais, abandonei o Seminário para me ocupar de meus sete irmãos menores. Aos 15 anos de idade herdei o cargo de cônego da igreja metropolitana de Reims, da parte de meu parente, Pe. Pedro Dozet. Minha

fidelidade a Deus me leva a gostar da dureza da novidade. Meus amigos, os Padres Nicolau Roland e Nicolau Barré faleceram deixando-me o que eles mais valorizavam: as escolas de caridade. Esta responsabilidade vem me modelando a vida em redor da educação que se deve dar às crianças e aos jovens abandonados...Recebi muita incompreensão...espero a força de Deus para continuar em frente. *(Batem à porta. La Salle sai para ver o que há. É Adriano Nyel).*

Nyel: *(Respeitosamente)* Com licença! Boa noite! Estou procurando o Sr. de La Salle.

La Salle: Boa noite!...sou eu a pessoa que procura.

Nyel: Eu sou Adriano Nyel. Estou-lhe trazendo algumas cartas da senhora Maillefer *(Procura na mochila, entrega-as).*

La Salle: *(pegando os envelopes).* Muito obrigado. Entre e sente-se. Vamos ver o que diz essa senhora. *(Abre os envelopes. Lê as cartas com muita atenção. Franze o cenho...)* Mas, que notícia... Que surpresa. A Sra. Maillefer me conta sua mudança de vida. Oferece todos os seus bens para manter as escolas gratuitas. Fala em abrir escolas aqui, em Reims. Ela me fala do zelo apostólico do Sr. Nyel.

Nyel: Madame Maillefer exagera. Tenho qualidades muito limitadas. Contudo, no meu íntimo palpita um coração cheio de vontade para fazer algum bem a tanta gente.

La Salle: Esta é uma qualidade fundamental para levar a sério uma obra como a que pretende executar. Como o senhor vem para uma tarefa bem definida, não quero tirar-lhe o tempo. serei conciso e objetivo.

Nyel: De acordo. A transparência nas palavras e na vida são as qualidades que mais aprecio.

La Salle: Sr. Nyel, o dinheiro é importante, mas muito mais são as pessoas que levarão a obra para frente. As Escolas de Caridade vêm sendo mantidas como podem. Existem benfeitores; mas o que falta são pessoas com grande capacidade de continuar em frente apesar das dificuldades. Começar é uma coisa, continuar até morrer são outros quinhentos.

Nyel: O Sr. está muito pessimista, Sr. de La Salle...

La Salle: Deveria dizer: muito realista, Sr. Nyel.

Nyel: É preciso deixar a Providência agir. Deus abençoa o bem, Deus ajuda ao que lhe pede auxílio.

La Salle: Deixar a Providência agir à toa é tentar a Deus. É pedir a Deus que transforme as pedras em pão. Deus age dentro dos limites do bom senso.

Nyel: Não posso discutir com o senhor, um doutor em Teologia. Sou um pobre leigo.

- La Salle:* É uma boa saída. Não é por ser clérigo que se deve entender de Teologia; nem por ser leigo se pode passar sem ela.
- Nyel:* (*Mudando de assunto*). Voltando ao motivo de minha visita... O senhor poderia colaborar comigo na fundação de escolas em Reims?
- La Salle:* Com certeza. Colaborarei simplesmente. Por que o faço, não sei. Acho que é puro sentimentalismo diante da conversão de madame de Maillefer... Mas, já é tarde; deverá descansar. Ficará alojado aqui, em casa. Amanhã iremos conversar com o vigário de S. Maurício, o Pe. Dorigny. É um sacerdote muito virtuoso.
- Nyel:* Muito obrigado por sua generosa hospitalidade. Estou morrendo de cansaço. Boa noite!...
- La Salle:* Boa noite!... (*Pensativo*) Tenho receio de meter-me ainda mais neste negócio das escolas. A conversão de madame Maillefer e a visita do Sr. Nyel são enigmas para mim. De qualquer maneira, prometi colaborar com ele, simplesmente. Colaborar não é comprometer-se. (*Sai. Música suave, a modo de transição entre esta cena e a seguinte*).
- (*A música continua. Apagam-se as luzes. Aos poucos as luzes se acendem sugerindo o amanhecer. O mesmo cenário de antes*).
- La Salle:* Na missa que acabo de celebrar na Capela das Irmãs do Santíssimo Menino Jesus, pedi a Deus que não permita que eu dê um passo em falso; nem para trás, nem para frente. (*Nyel o interrompe muito alegre*).
- Nyel:* Bom dia, Sr. de La Salle. Espero com ânsia o que vai acontecer no dia de hoje. A que hora vamos sair para falar com o Pe. Dorigny? (*Fica nervoso*).
- La Salle:* Ele já está chegando. Eu o convidei a vir aqui em casa para conversar com mais tranqüilidade. É amigo da família.
- Nyel:* (*Com impaciência*) Já deveria estar... (*Batem à porta*). Deve ser o Pe. Dorigny.
- La Salle:* (*Vai atender com presteza*). Com certeza é ele.
- Dorigny:* (*Muito alegre*). Como vai, meu amigo. Que prazer para vir a sua casa!
- La Salle:* Bem-vindo a esta casa. (*Apresentando Nyel*) Este é o Sr. Adriano Nyel, fanático para fundar escolas. Ele vem conversar conosco.
- Nyel:* (*Saúda a Dorigny*). Muito prazer em conhecê-lo. Como disse o Sr. de La Salle, estou trazendo planos em favor das escolas.
- Dorigny:* Foi para isso que eu vim. Estou escutando com muita atenção.
- Nyel:* (*Buscando as melhores palavras*). Sr. Pe. Dorigny, a senhora Maillefer destina toda a sua riqueza em favor das escolas gratuitas. Ela decidiu a-

poiar economicamente todas as fundações na cidade de Reims. Para abrir uma escola cristã é necessária a anuência do vigário do lugar em que ela deve funcionar. É imprescindível a colaboração de outras pessoas para supervisionar os estabelecimentos... Caso o senhor autorizasse abrir a primeira escola em sua paróquia...*(Dorigny lhe corta a frase...)*

Dorigny: Que maravilha, Sr. Nyel! Estou disposto a lhe oferecer minha paróquia e meu apoio moral para o que me propõe. Quanto a supervisionar e permanecer na escola, não me posso comprometer. Gosto de ficar com os garotos em alguns momentos, para brincar com eles... mas permanecer com eles por horas e horas, isso me apavora.

Nyel: Eu me contento com isso. Contudo é preciso que algumas pessoas estimulem os professores e os alunos para continuarem *(Silêncio prolongado. Todos estão pensativos...)*.

La Salle: *(Com decisão)* Eu me encarrego de ficar com os meninos todo o tempo possível. Comprometo-me a ficar junto das escolas. Vou ocupar-me dos professores.

Dorigny: Graças a Deus, meu amigo! Somos três para levar em frente a obra das escolas. Com menos homens foram realizadas grandes façanhas...

Nyel: *(Muito feliz)* Que é que estamos esperando? Mãos à obra! A primeira escola de Reims se abrirá em sua paróquia, Sr. Pe. Dorigny.

Dorigny: Sim; minha paróquia de S. Maurício. São Maurício passará para a história.

Nyel: S. Maurício é a primeira semente. Abriremos escolas, inundaremos Reims com escolas.

La Salle: Calma, Sr. Nyel! Não se pode atropelar o passo da história.

Nyel: Deus proverá! Deus proverá! Com todo respeito, Sr. de La Salle, o senhor é um tanto racionalista. Duvida do auxílio de Deus.

Dorigny: Além disso, os outros senhores vigários terão ciúme de mim. A paróquia de S. Vicente e a de S. Tiago vão querer também suas próprias escolas.

La Salle: *(Contagiado pelo entusiasmo de Nyel e do Pe. Dorigny)* Na paróquia de S. Tiago contamos com a ajuda de uma senhora piedosa, já bem velhinha, que se chama madame Croyères... Mas por enquanto precisamos deixar de lado o entusiasmo. Não podemos entusiasmar os pobres com improvisações.

Nyel: Deixemos de divagar. Mãos à obra! Vamos! *(Os três saem)*

(Por alguns segundos o cenário se escurece, para sugerir a manhã do dia seguinte. Mesma decoração de antes. As luzes indicam as primeiras horas de um dia ensolarado).

- La Salle:* (*Preocupado*) As escolas se multiplicam. O zelo apostólico do Sr. Nyel é admirável. Mas ele improvisa tudo. As pessoas que procura para serem professores, não têm cultura nem preparação. São pessoas de boa vontade, mas só pensam em dinheiro. São professores por necessidade. Além disso – e isto me preocupa muito – o Sr. Nyel me falou em ir embora para outras cidades a fim de abrir novas escolas. (*Interrompem-lhe os pensamentos*).
- Armestat:* (*Acompanhado e com jeitos de conquistador*). Perdão, Sr. de La Salle. A porta estava aberta, e eu vinha pela rua, e, de repente, me ocorreu entrar para visitar o senhor. (*para sua acompanhante*) Venha comigo, senhorita Sarabelle.
- Sarabelle:* (*Com coqueteria*) Ouvi falar muito do senhor, de La Salle. Sou amiga de sua bela irmã, Maria. Venho convidá-lo para uma festa social que meus pais oferecem em honra de mim. Vão se reunir as famílias mais distintas de Reims.
- Armestat:* Que honra para o senhor, de La Salle! A senhorita vem pessoalmente para o convidar. Que preferência! Tenho inveja de sua sorte.
- Sarabelle:* Com esta cara de bonitão, depressa terá uma formosa companhia.
- Armestat:* Se não lhe for incômodo, eu mesmo o apresentarei às moças bonitas com que se poderá divertir.
- La Salle:* Muito obrigado pela confiança e pelo convite. Certamente será uma festa que vai ficar na história... mas, lamento não poder comparecer. Tenho um assunto muito importante que me ocupará por semanas e semanas.
- Sarabelle:* (*Bajuladora*) Sem ser indiscreta, qual é o assunto que o mantém ocupado?
- La Salle:* As Escolas Cristãs que funcionam em várias paróquias.
- Armestat:* Esses maltrapilhos? Não é?
- La Salle:* Cuide de suas palavras, Sr. Armestat. Pelo visto, para o senhor, a vida se resume em passá-la na folga. Vocês me falam como se eu fosse uma criança fascinada por um brinquedo. Eu percorri o mundo. Sei perfeitamente o que posso encontrar nele.
- Armestat:* E o que foi que encontrou em suas correrias tão esquisitas?
- La Salle:* O vazio. O aborrecimento...
- Sarabelle:* O senhor ainda não provou a felicidade. O senhor ignora o néctar do paraíso.
- La Salle:* A felicidade?! O paraíso? ... Eu tenho minha felicidade, tenho meu paraíso.

- Sarabelle:* Poderia dizer-me onde? ... estou muito curiosa...
- La Salle:* No meio dos outros. Entre os desamparados. Em minhas escolas estou rando de alegria....
- Armestat:* (*Zombeteiro*) Ora, ora, que herói! Que homem extraordinário!... O mundo sempre sentiu necessidade de sonhadores para celebrar seu carnaval.
- La Salle:* Não sou herói, nem pretendo sê-lo. Sou um ser humano que estende seus braços fracos aos outros...Sr. Armestat, o senhor considera a vida sob o ponto de vista do prazer, da algazarra. Os outros não lhe importam.
- Armestat:* Não viemos para ouvir sermões. O que queremos é reintegrar o senhor na vida normal. O senhor não pode trair a causa dos nobres e nossa bela França.
- Sarabelle:* Não me decepcionará, Sr. de La Salle. Espero recebê-lo em minha festa.
- La Salle:* Muito obrigado! Novamente, não irei! Os meninos, os pobres, os operários me esperam. Não posso iludi-los.
- Sarabelle:* Agora entendo por que sua família está sofrendo. Dizem que o senhor está desligado, e acabo de comprová-lo. (*Dirigindo-se a Armestat*) Estamos perdendo o tempo. Vamos embora, depressa. Temos muito o que fazer.
- Armestat:* Tens razão. Se um louco quer viver no manicômio, é preciso deixá-lo. Adeus, João Batista, adeus para sempre.
- Sarabelle:* Eu te odeio. Não quero mais ouvir falar de ti. (*Saem. João Batista não sabe o que fazer. Apresenta rosto cansado... reage diante dos visitantes recém-chegados*).
- Nicolau:* Desculpe nossa confiança. A porta estava aberta... como o senhor é o amigo dos pobres... aqui lhe apresento meus dois companheiros: Gabriel e Bartolomeu. Viemos conversar com o senhor, se não lhe tiramos o tempo, claro...
- La Salle:* Com prazer! Entrem. Estou escutando.
- Nicolau:* Sr. de La Salle, veja! Dias atrás nós defendemos o senhor diante das críticas que o clero lhe fazia.
- Gabriel:* E não só isso. Tivemos dificuldades também com sua família. Seus irmãos e uma tal senhora Maillefer deu um tabefe em Bartolomeu.
- Bartolomeu:* Não fiz nada para eles. Deram em mim porque lhes disse o que eu pensava do senhor, de sua atividade e de toda a sua obra. Eu fui o causador da briga.
- La Salle:* Onde foi isso?

- Gabriel:* Na Rua Nova. Durante a hora da tertúlia.
- Bartolomeu:* Não podíamos deixar que chamassem o senhor de “louco”.
- La Salle:* Por que foi que fizeram isso?
- Nicolau:* Porque acreditamos no senhor.
- Bartolomeu:* Acreditamos na obra que o senhor começou.
- La Salle:* O que é que esperam de mim?
- Bartolomeu:* Que o senhor continue firme. Que não tenho medo de continuar.
- Gabriel:* Conte conosco. Viemos para ficar com o senhor. Queremos colaborar com o senhor. Queremos ajudar-lhe. Não temos a fineza dos nobres, mas temos o coração disposto a tudo.
- Nicolau:* Sabemos ler. Gostamos muito das crianças. Não temos nada a perder ao nos unir ao senhor.
- Gabriel:* O senhor tem a última palavra. O senhor decide. O senhor é nobre, rico e estudado... nós apenas sabemos soletrar.
- La Salle:* *(Com satisfação os abraça, e lhes aperta a mão...)*. Meus caros amigos, estou muito emocionado. Foi o próprio Deus que mandou vocês para cá... Vocês vão ser os primeiros educadores das escolas... Ser rico ou pobre... ser nobre ou do povinho, não interessa. Quem faz as diferenças são os homens para manterem seus privilégios. Deus não pensa assim. Diante dele, todos somos iguais... *(Muda de tom)* Quando é que desejam começar a trabalhar comigo?
- Gabriel:* Agora mesmo. Tudo o que tenho, trago-o comigo.
- Nicolau:* Eu também. Vivo na rua. Meus pais faleceram há algum tempo.
- Bartolomeu:* Aqui estou e aqui fico desde já!
- La Salle:* Então, sejam bem-vindos para viver a aventura da doação. A partir de agora ficarão vivendo em minha casa, comerão à minha mesa e juntos levaremos em frente a educação de tanta gente abandonada... Vamos! *(Saem. A música pode acompanhar o ambiente de alegria. O pano cai lentamente)*.

Cai o pano

III Ato

(Ampla sala disposta como para uma grande festa. As pessoas vestem com elegância, conforme o costume do século XVII. Luzes em profusão. As notas delicadas de um minueto amenizam o ambiente).

Maria: Vai ser uma festa para ficar na história. Já estava na hora que nosso irmão João Batista celebrasse seu onomástico com grande aparato.

Pedro: Vêm muitos convidados à festa?

Maria: As principais famílias da nobreza de Reims prometeram sua presença.

Pedro: *(Dirigindo-se a João Batista)* Hoje é um dia memorável. Teremos muitas surpresas.

La Salle: Sim. Quero celebrar meu onomástico como nunca o fiz. Quero recordar este dia até o fim de minha vida.

Maria: Dentro de pouco estarão aqui nossos convidados. Está tudo pronto?

Luís: Fique tranqüila, maninha. Os nervos lhe estão desfigurando o rosto. Tudo sairá bem *(O garçom anuncia a chegada dos primeiros)*.

Garçom: Sr. de La Salle, chegaram os primeiros convidados.

La Salle: *(Com ar alegre)*. Faça-os entrar! *(Entra um grupo de nobres, homens e mulheres. Felicitam La Salle e os demais)*. Sejam bem-vindos a esta casa. Queiram sentar-se. *(Sentam com rebuscada elegância. Aparece Adriano Nyel)*.

- Nyel:* (*Diretamente a La Salle*). Meus cumprimentos, amigo. (*Dirigindo-se a todos*). Desculpem o meu atraso ... as escolas me devoram o tempo (*Os outros tomam atitude de enfado*).
- Pedro:* (*Dissimulando o contragosto*). Não se preocupe. O senhor é amigo de nosso anfitrião..., Sr. Nyel... Eu pediria que deixasse o assunto das escolas para outro dia.
- Nyel:* Como o senhor disser, Sr. de La Salle.
- La Salle:* Meu irmão está mal-humorado. Espero sua compreensão. Como andam as fundações? Há muitos meninos nas escolas?...(*Interrompe-o um grupo de nobres. Entre eles se nota a presença de Armestat*).
- Armestat:* (*Atraindo a atenção*). Meus cumprimentos, João Batista! Eu não podia faltar a sua festa. Sua bonita irmã, Maria, me convidou...Ah! ... carinho-sas saudações de Marbelle. Ela está doente, coitada. Não poderá comparecer à festa. (*Procura sentar-se perto de Maria*).
- La Salle:* Obrigado pelos cumprimentos!
- Luís:* (*Dirigindo-se a todos*). Já estamos todos presentes, não é?
- Maria:* Ainda não, Luís. Faltam alguns convidados importantes. A presença deles nos honrará em extremos...
- Garçom:* (*Muda o ambiente com fingida cortesia*). Senhores de La Salle: a ansiada presença de madame Francisca D'Aubigne, marquesa de Maintenon e de madame Maillefer, benfeitora da sociedade (*Entram com cerimônia*).
- Francisca:* (*De certa idade. Muito amiga de La Salle*). Como é que eu faltaria a sua festa. Sua santa mãe foi a única pessoa que levava uma vantagem sobre mim, no carinho que eu tinha por você. Eu vi você crescer dia por dia.
- Maillefer:* Que satisfação vê-lo de novo rodeado de seus amigos.
- La Salle:* Muito obrigado por comparecer à festa.
- Luís:* Estamos todos. Começemos a festa.
- Maria:* Sim; estamos todos. João Batista, você é o anfitrião. Deve começar.
- La Salle:* Ainda faltam alguns convidados meus. Precisamos esperar mais um pouco.
- Pedro:* Você poderia dizer-nos de quem se trata?
- La Salle:* Trata-se de meus caros professores. (*Há um ambiente de tensão, e mal estar. Maillefer intervém para tranquilizar*)
- Maillefer:* Vamos continuar conversando. A noite é longa. Temos muitas horas em frente. Aguardemos com toda naturalidade...

- Nyel:* (Confidencial. Dirige-se a La Salle). Será que eles vêm?
- La Salle:* Com toda certeza. Eles têm coragem. (Neste momento, seguindo o garçom, entram vestidos com suas melhores roupas. Há um momento de tensão. Todos contemplam os recém chegados... La Salle vai-lhes ao encontro. Seguido por Nyel, Maillefer e Francisca). Olá, meus amigos! Que prazer em vê-los aqui! (Abraça-os um a um. Seis ao todo: Nicolau, Gabriel, Bartolomeu, Henrique, Bourlette, Maurício, Francisco).
- Nyel:* Enfim chegaram. Que maneira de fazer-se esperar!...
- Maillefer:* Muito prazer em conhecer vocês. Estou muito feliz por compartilhar com vocês a alegria de João Batista.
- Francisca:* Assim também eu! Sou amiga de João Batista e também dos seus amigos.
- Gabriel:* (Olhando para todos). Não sei o que dizer. Meus amigos e eu nos sentimos tão pequenos.
- Luís:* De certo é a primeira vez que se encontram com pessoas da alta sociedade.
- Bartolomeu:* De fato. (Olhando para Maillefer) Nós vamos ficar lá fora. Estamos aqui apenas para saudar a João Batista.
- Maillefer:* De maneira nenhuma. Vocês é que me abriram os olhos para a realidade.
- Nicolau:* É inacreditável! Faz apenas alguns meses que nos estivemos insultando. Agora participamos do mesmo acontecimento. O Sr. de La Salle nos uniu. Ele tem o poder de unir realidades opostas.
- La Salle:* (Bem alegre) Vamos começar a festa! Todos devemos estar contentes. Hoje é um dia de grandes acontecimentos. (Todos atendem. Formam-se três grupos diferenciados: os nobres; Maillefer, Francisca e Nyel: por fim La Salle e o resto. Conversam enquanto se ouve um suave minueto).
- Maria:* (Fazendo par com Armestat, convida à dança). Começamos a festa. Cada qual com seu par. (Formam-se pares. La Salle e seus amigos estão entretidos em animada conversa. Começa o baile. Bartolomeu e os outros permanecem em silêncio... Depois de certo tempo, Maillefer convida Bartolomeu, e Nyel, a Francisca. O grupo de nobres observa o estranho par... Maria e Pedro armam o escândalo...)
- Pedro:* (Furioso) Não agüento mais! Chega!... (Tudo se interrompe: a dança, a música, a conversa...) Não agüento mais!... Esta reunião é uma grotesca fábula de máscaras.
- Maria:* João Batista, agora mesmo você tem que decidir: ou você fica conosco ou você some daqui com esta gente!
- Pedro:* Ou você escolhe a sua família – que somos nós – ou você se larga com estes maltrapilhos!

- Luís:* (*Tentando conciliar*) Estamos numa reunião familiar. Deixemos de fazer um papelão! Peço serenidade... continuemos a festa.
- La Salle:* (*Com serenidade e firmeza*). Se vocês ainda não o sabiam – é realmente estranho! – há muito tempo que estou partilhando minha vida com eles. (*Dirigindo-se a todos*). Estas pessoas não são maltrapilhos, nem aventureiros. São pessoas que pensam nos outros através da escola.
- Pedro:* Então... você os prefere a nós.
- La Salle:* Não se trata de “isto ou aquilo”! Trata-se de decidir um caminho e andar por ele com liberdade.
- Maria:* Deixe de conversa, João Batista. Não entendo de rodeios.
- La Salle:* (*Chegando-se para junto dos seus*). Decidi andar com estes distribuindo o saber a mão cheia. Estes são meus pais, meus irmãos.
- Armestat:* (*Soltando uma gargalhada*) Estes ignorantes vão ser professores!?...Pobre França! Não se dá o que não se tem.
- La Salle:* Apoiado! Senhor Armestat. O senhor não tem outros ideais do que os prazeres. A escola não se reduz a aprender fórmulas. A escola é o lar em que se aprende a viver como pessoas humanas. E as pessoas humanas se classificam de acordo com a intensidade e a capacidade de servir.
- Pedro:* Não vamos discutir. (*Dirigindo-se a La Salle*). Você pode fazer o que quiser. Pode encerrar-se em seus sonhos. Aqui, em casa, seu bando de amigos não tem lugar. Que maneira é essa de empanar uma festa de aniversário!...
- Maria:* Estou plenamente de acordo. Em casa, o nome dos de La Salle não será manchado!
- La Salle:* (*Com serenidade*) Não há motivo para ficarem chateados. Nós vamos embora. Em lugar desta mansão senhoril, teremos centenas de lares onde pululam crianças alegres.
- Luís:* Acho que estamos precipitando as coisas. Não tomamos tempo para pensar. Além disso, que papelão estamos fazendo diante de nossos convidados.
- La Salle:* Não houve precipitação alguma. O tempo fez amadurecer as coisas. Hoje assistimos à colheita: cada qual expressou, em voz alta, o futuro de sua vida, a estrada de sua felicidade.
- Pedro:* Vamos embora. Amanhã será um novo dia para todos.
- Armestat:* A plebe deve morrer como plebe. Vamos embora. (*Saem os nobres expressando enfado e repugnância. Permanecem Maillefer, Francisca, Nyel, La Salle e seus amigos. Luzes apropriadas*).

- La Salle:* Lamento a incompreensão de minha família. Na vida do homem há momentos em que ele deve decidir. No dia de meu aniversário eu disse “SIM” a Deus presente nos pobres.
- Maillefer:* *(Os outros rodeiam La Salle, formando um círculo de amigos).* Como você é corajoso!... Eu acredito em sua decisão. Tem meu apoio, minha amizade. Você precisa compreender sua família. Eles têm os olhos cegos pela ignorância. Comigo aconteceu o mesmo.
- Francisca:* Eu não falei nada até agora. Mas compreendi a profundidade de seu coração, Sr. de La Salle. Compreendo agora por que seus pais tanto o amavam. Estou do seu lado, como estaria sua mãe. Conte com meu apoio, minha influência, minha simpatia. A estrada que encetou é longa e cheia de pedras.
- La Salle:* Não sabem o quanto lhes agradeço. Mais de uma vez vou necessitar de seu apoio. O trabalho das escolas é imenso...Deus está comigo e hoje me falou com toda clareza.
- Nyel:* Disso eu tenho certeza. *(Dirigindo-se a Maillefer)* Madame, as escolas andam às mil maravilhas. A ignorância desaparece rapidamente.
- Maillefer:* Eu mesma verifiquei a boa marcha das escolas. Minha oferta permanece de pé.
- Francisca:* Podem contar com meu apoio econômico...creio que tudo voltou à calma. Precisamos ir embora...foi um dia maravilhoso. Aprendi a pensar nos mais necessitados. *(Dirigindo-se a Maillefer).* Vamos, querida. *(Maillefer atende. Saem).*
- La Salle:* Obrigado por tudo! Sinto-me tranqüilo. Boa noite. *(Acompanha-as. Troca de luzes. La Salle volta ao lugar. Estão Nyel e os outros. Há um ambiente de serenidade).*
- Nyel:* O que aconteceu hoje é fora do comum.A que preço será que vão nascer as escolas?!...
- La Salle:* Estou disposto a tudo. O sofrimento é o momento privilegiado para sentir a profundidade e a consistência da felicidade. Hoje – dia do meu aniversário – eu dei testemunho do valor das fundações que queremos realizar.
- Bartolomeu:* Eu estava a ponto de estourar. Nas veia estava sentindo a violência. Seus irmãos quiseram pô-lo a ridículo diante de seus familiares e amigos.
- Gabriel:* Agora entendo o adágio: “Cria abutres e te arrancarão os olhos”.
- Nicolau:* Se antes eu o admirava, agora o admiro muito mais. Estou decidido a seguir de seu lado, para trabalhar, para me gastar junto com o senhor.
- Henrique:* Eu lhe entrego minha juventude como presente de aniversário. Quero ser professor numa de suas escolas. Não pretendo sê-lo apenas por um punhado de moedas, mas porque descobri o sentido de minha vida.

- Nicolau:* Vi com meus próprios olhos a felicidade realizada na pessoa do Sr. de La Salle.
- Maurício:* Eu vim como curioso. Aliás, queria comer alguma coisa, porque faz dias que não consigo um bocado. Quero ser um de seus discípulos. E por decisão pessoal!...
- Bourlette:* Eu não sou um cara para me arrepender de meus atos. Deixarei minha casa, minha noiva, meus sonhos para me filiar a este grupo de professores.
- Francisco:* Fico com vocês. Fico para sempre. Assumo as alegrias e os fracassos que talvez venham a cair sobre mim em meu trabalho com as crianças abandonadas.
- Nicolau:* É o homem que estávamos esperando para sair de nossa miséria. Assim o tínhamos confessado no incidente que tivemos, faz algum tempo, com um grupo de clérigos e nobres.
- Gabriel:* Muitos deles estiveram presentes nos acontecimentos deste dia.
- Bartolomeu:* Deus se lembrou de nós. Eu cumpri minha promessa. Eu os conduzi até a pessoa de João Batista de La Salle.
- Henrique:* João Batista de La Salle é o profeta de Reims. Seu sonho é nosso sonho, sua vida é nossa vida.
- Nyel:* Precisamos celebrar nossa unidade!
- La Salle:* A presença de vocês, seu apoio, sua entrega, são o melhor presente que pude receber no dia de meu aniversário...Precisamos alegrar-nos. Temos ainda algumas horas diante de nós para celebrar nossa fraternidade... a melhor maneira de ocupar as horas é conversando em torno do futuro das escolas.
- Nyel:* É uma excelente idéia...as escolas precisam multiplicar-se dia a dia.
- La Salle:* O importante é criar um grupo de professores dedicados totalmente às crianças. Professores por vocação. Para isso, devemos morar juntos, partilhar juntos, trabalhar juntos.
- Henrique:* A idéia me entusiasma. Para irmos em frente juntos, precisamos de muitas coisas, penso!...
- Gabriel:* Por exemplo, uma casa.
- La Salle:* A minha, é claro! Vão morar em minha casa.
- Henrique:* Sua família não vai permitir. Será uma guerra contínua. Não poderíamos viver em fraternidade.

- La Salle:* É verdade. Vou alugar outra casa ampla e modesta. Na rua Neuve há uma e as condições são favoráveis.
- Nyel:* Tudo está arrumado. O Sr. de La Salle tem a solução. Apropriada, acertada. (*Dá sinais de alegria*).
- La Salle:* Todos estaremos muito bem. Vocês receberão a formação e um pequeno salário. Penso que tudo irá certo.
- Nyel:* Não é para dar pulos de alegria, gente?... (*Moderar-se*). Que foi que aconteceu? Por que estas caras?...
- La Salle:* Será que os ofendi oferecendo-lhes uma casa? Não fiquem calados. É importante que expressem o que pensam dentro de si.
- Nicolau:* (*Timidamente*) Sr. de La Salle, desculpe minha ousadia. Não estou vendo claro. Trabalharei pelas escolas com a melhor boa vontade. Mas ninguém sabe o que pode acontecer no futuro. Tudo poderia vir abaixo. Não tenho futuro assegurado.
- La Salle:* Por que pensar no futuro de maneira tão pessimista. Homem de pouca fé. Meu Deus cuida das flores do campo e das aves do céu, que não trabalham, nem juntam em armazém... como é que ele vai abandonar vocês?
- Henrique:* Tenho a mania de falar o que sinto. Para o senhor, de La Salle, é muito fácil crer na assistência de Deus. O senhor é rico, tem um futuro garantido, porque sempre terá uma fonte em seu canonicato. O senhor tem familiares poderosos. Além disso, tem uma profissão. Nós apenas possuímos a pobreza, a boa vontade, a insegurança.
- Gabriel:* Todos nós sentimos o mesmo medo. Estaríamos perdidos, se as escolas chegassem a desaparecer algum dia. Não temos nada.
- Nyel:* Vocês estão loucos? Que maneira de falar é esta? O Sr. De La Salle lhes deu tudo, que mais querem, que mais exigem?...
- La Salle:* Deus falou pela boca deles...eles têm razão. Em lugar de formar professores de fé, estive a ponto de formar ateus. É fácil falar de Deus tendo as costas protegidas. É simples inspirar confiança tendo o estômago cheio, as arcas repletas e o futuro garantido...a palavra autêntica, a opção cristã têm seu fundamento em Deus, em seu poder, em sua ajuda... é isso que farei, isso faremos juntos... então falaremos de Deus.
- Nyel:* Não é o momento para continuar por este caminho.
- La Salle:* (*Dirigindo-se a todos*) Meus caros amigos, quero trabalhar lado a lado com vocês. Renuncio a minha casa. Meus bens, vou reparti-los aos pobres e vou ceder meu canonicato ao Pe. Faubert, como já pensei, embora o Sr. bispo se oponha.
- Nicolau:* Não sei o que dizer. Sinto a Deus presente entre nós. Estou decidido a embarcar com o senhor. Confio em Deus.

- Henrique:* Sim; Deus está conosco. Todos queremos trabalhar com o senhor, de La Salle.
- La Salle:* Assim formaremos uma verdadeira fraternidade apoiada na confiança em Deus. A única segurança que temos é o espírito de fé... Como é que vamos chamar-nos? (*Um momento de silêncio*).
- Gabriel:* Amigos?
- Maurício:* Contemplativos?
- Francisco:* Que lhes parece: ‘Irmãos’ (*Todos aprovam*).
- La Salle:* Sim; vamos chamar-nos “IRMÃOS”...de quê?
- Bourlette:* Irmãos de Trabalho.
- La Salle:* Já sei. IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS (*Todos aprovam entre aplausos e risadas*)
- Henrique:* Bonito nome. Sugiro recitar uma fórmula que expresse nossa realidade de Irmãos. João Batista, o senhor é o mais indicado.
- La Salle:* (*Todos ficam de pé. Recita a seguinte fórmula*):
- “Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo: prostrado com o mais profundo respeito, ante vossa infinita e adorável majestade, eu me consagro inteiramente a Vós, para procurar vossa glória, quanto me for possível e vós o exigirdes de mim. E, para esse efeito, eu (*cada um diz seu nome*) prometo unir-me e permanecer em sociedade com os Irmãos das Escolas Cristãs, que se congregaram para manter juntos e por associação as escolas a serviço dos pobres...prometo guardar esta promessa durante um ano”.
- Bartolomeu:* Temos um compromisso diante de Deus e diante das crianças de nossas escolas. Devemos levar um distintivo que nos lembre continuamente nossa promessa.
- Henrique:* Estou plenamente de acordo com o que disse Bartolomeu, digo, Irmão Bartolomeu... Contudo, por que é que não fizemos uma promessa pelo resto de nossas vidas.
- La Salle:* A consagração perpétua requer um tempo de maturidade. Somos fracos. Podemos falhar.
- Nicolau:* Não podemos aventurar-nos sem mais. O futuro está nas mãos de Deus.
- La Salle:* Oxalá nosso fervor permaneça assim durante os anos futuros. Voltando à sugestão do Ir. Bartolomeu sobre o distintivo, que pensam vocês?
- Gabriel:* É preciso levar um distintivo. Assim, a gente não nos confundirá com os camisardos, nem com os jansenistas, nem com os huguenotes.

- Bartolomeu:* Convém afirmar com força o que somos.
- Henrique:* Somos professores com uma vocação. Não somos simples trabalhadores que querem garantir seu pão.
- La Salle:* Acho que sabemos qual é nossa identidade. Somos Irmãos das Escolas Cristãs. Essa identidade deve aparecer no distintivo que queremos adotar.
- Francisco:* Temos uma promessa com Deus. Não somos sacerdotes, nem monges, nem frades, nem religiosos. Somos professores, dedicados à educação dos meninos... eu gostaria de vestir um hábito diferente, muito parecido com o que usam os camponeses de Champagne. Para entrar em nossa fraternidade é preciso ter “uma vocação”.
- Bartolomeu:* O Ir. Francisco tem a virtude de iluminar... O hábito que ele sugere me agrada: é simples, e protege...
- Gabriel:* E não nos separa do povo, nem chama a atenção. (*Todos sentam*).
- La Salle:* Nossa irmandade surgiu espontaneamente. Deus age com suavidade... Que dia de meu aniversário! É hora de irmos embora! ... (*Saem, se despedem. Música amena...*)

Cai o pano

ATO IV

(Pátio de um casarão. É Vaugirard. Os Irmãos terminaram seu retiro anual. Fazem o recreio como antigamente: duas filas frente a frente caminham para frente e para trás. É conversa animada. Abre-se o pano exibindo os Irmãos em pleno recreio).

- Henrique:* Nosso Superior, João Batista de La Salle tem a intuição de gênio. A morte de Adriano Nyel, duro golpe para nós, não nos desorientou em nada.
- Gabriel:* As mudanças pedagógicas que introduziu são uma criação original. A coragem não tem limites. Os professores calígrafos estão incomodados.
- Francisco:* Os meninos aprendem rapidamente, graças ao método simultâneo. Além disso, cada aluno mantém sua personalidade, não se dilui no conjunto.
- Bourlette:* Cada criança tem uma ficha de seguimento. Ano após ano pode-se conhecer a formação gradual de cada um.
- Francisco:* O latim foi definitivamente arquivado. Os meninos aproveitam mais estudando em sua língua materna. Isto escandalizou a confraria dos professores.
- Maurício:* É gostoso trabalhar em classe. João Batista simplificou as regras da leitura e da escrita. Aprende-se brincando. A atividade é uma distração.
- Henrique:* A escola monótona aterroriza os alunos. Com que satisfação estudam a aritmética, o sistema de pesos e medidas! Têm bastante facilidade para assimilar a alta matemática que se lhes ensina.
- Maurício:* Todos os alunos têm uma responsabilidade concreta na classe. A disciplina é rígida e elástica ao mesmo tempo. o silêncio é necessário, como ambiente de trabalho e recolhimento.
- Bartolomeu:* Em nossas escolas se educa também os pais. O mundo dos adultos precisa também da influência da escola. O bom professor conhece os pais de seus alunos.
- Francisco:* A Escola Cristã vive encarnada no meio ambiente. Na escola e no bairro ela enfrenta a mesma realidade. A escola se torna a casa do saber em vista de melhorar a sociedade.
- Bourlette:* Em nosso sistema educativo – como nos inculcou o Sr. de La Salle – o amor ao aluno é fundamental. Esse amor se deve manifestar na constante ajuda nas necessidades do aluno, apoiando-o em suas debilida-

des, encorajando-o em suas dificuldades, ajudando-lhe a superar os perigos.

Francisco: Nosso sistema combina o simultâneo com o pessoal, o particular, com o social, o humano com o religioso.

Bartolomeu: E como meta última: a educação cristã da pessoa humana. O ponto de partida é a vivência da fé, que nos move a conseguir de nossos alunos, excelentes cristãos. A meta é fazer deles cidadãos úteis à sociedade.

Maurício: Tudo isso apoiado numa vocação. Os seguidores de La Salle deverão possuir vasta cultura e palavra de profeta.

Bartolomeu: Temos muitos jovens que querem ingressar em nossa família. Pertencem a todas as classes sociais: nobres, plebeus, operários, migrantes, etc.

Henrique: As conversões mais notáveis são: a do protestante holandês, a do jovem vagabundo, e sobretudo, a do cavaleiro Armetat. Vi com meus próprios olhos a vida santa que ele está levando. Pediu a La Salle sua admissão. No momento, está fazendo seu postulante.

Bartolomeu: A força de Deus que age em nosso Superior faz maravilhas em todos. sua própria família reconheceu seu erro. Faz algumas semanas vieram pedir-lhe perdão.

(A conversação se interrompe diante da intempestiva chegada de La Salle, acompanhado do Cardeal de Noailles. Os Irmãos se agrupam...)

La Salle: Irmãos, sua eminência e eu viemos conversar com todos vocês sobre um projeto educativo especial.

Noailles: Meus filhos, boa tarde! *(Todos respondem)*. Sinto-me feliz por encontrá-los de novo.

Henrique: Nós também, senhor cardeal.

Noailles: Meus filhos: vocês sabem que o rei Tiago II, da Inglaterra, foi destronado pelo blasfemo Guilherme de Orange, por causa de sua fidelidade e sua adesão à Igreja Católica. O rei se refugiou em nossa querida França, juntamente com várias famílias católicas. Neste grupo de exilados há 50 jovens nobres que querem ser atendidos em centros educativos apropriados. Os melhores centros de toda a França são as Escolas Cristãs que vocês dirigem. O rei Tiago pede-lhes este serviço...

Bartolomeu: Para nós é uma honra, senhor cardeal. Mas a responsabilidade é muito grande. Tenho certo receio

Henrique: Creio que temos capacidade para atender este novo serviço. Aceito de coração. *(Os outros confirmam a opinião de Henrique)*

La Salle: Senhor cardeal, vossa Eminência pode comunicar ao rei Tiago II da Inglaterra nossa decisão: aceitamos educar os 50 meninos nobres. Vamos ensinar-lhes cultura sólida e profunda fé cristã. Abriremos um internato para eles.

Noailles: O rei e os nobres vão pagar de sobejo a educação de seus filhos. De minha parte, Sr. de La Salle, o senhor tem minha bênção e meu apoio total na obra das escolas. Toda a diocese de Reims está à sua disposição.

- La Salle:* Graças a Deus por tanta bondade.
- Noailles:* É tarde para mim. novamente lhes agradeço em nome do Rei e do meu próprio. (*Despede-se. La Salle o acompanha e volta em seguida.*)
- La Salle:* (*Com muita alegria*). Os desígnios de Deus são insondáveis.
- Francisco:* A bênção de Deus multiplica as Escolas Cristãs. (*Voltam ao recreio*). Vejamos as cidades em que existem Escolas Cristãs.
- Maurício:* Em Paris florescem as fundações. O Pe. De la Chétardie é muito generoso. Há pouco abriu-se outra escola na rua de S. Plácido, e outra no bairro de S. Marcelo.
- Bourlette:* Também em Calais, a obra continua pujante.
- Gabriel:* A escola de Troyes, na Champanha, perto de Reims, é o centro mais apreciado pelo bispo.
- Nicolau:* Também estamos em Avinhão.
- Henrique:* E em Darnétal, perto de Ruão. Em Ruão funcionam há muito, nas paróquias de S. Maclou, S. Viviano, S. Godardo, S. Elói.
- Bartolomeu:* Estão pedindo escolas em Grenoble, em Mende, em Marselha, em Alés e em Le Vans.
- La Salle:* Tenho mais pedidos ainda: em Moulin, Dijon, em Bolonha, etc. devemos agradecer a Deus por sua imensa bondade.
- Gabriel:* Nunca passou por minha cabeça o crescimento surpreendente das fundações.
- La Salle:* Há, no entanto, outros projetos a realizar e estes são de premente necessidade.
- Francisco:* Estamos ansiosos por conhecê-los.
- La Salle:* Um Noviciado, centro de formação religiosa e espiritual, destinado aos jovens que desejam ingressar em nossa instituição; um juvenato para os meninos que querem ser Irmãos, mas, por idade, não podem ainda ingressar no Noviciado. Depois, Escolas Dominicais para jovens solteiros que trabalham durante a semana. Escolas para formar professores com o método e o espírito dos Irmãos. Escolas industriais em que os jovens aprendam uma profissão rentável. Centros de reeducação para educar jovens difíceis e delinquentes. Centros-Prisão para adultos infratores. Escolas para professores rurais onde os filhos dos camponeses aprenderão a técnica da agricultura e o domínio das ciências. Internatos... Dentro de pouco vamos abrir o primeiro, para atender os 50 nobres irlandeses.
- Bartolomeu:* Que maravilha! Sinto-me orgulhoso de ser Irmão das Escolas Cristãs.

- Gabriel:* Estamos conscientes de nossa formosa vocação. *(Todos são da mesma opinião).*
- La Salle:* Se formos economizar um pouco os recursos que temos, vamos comprar uma casa mais cômoda, mais ampla, em S. Yon. É bonita, está um pouco fora de Ruão, no bairro de S. Severo. Precisamos de uma casa assim, para poder atender os enfermos, e passar algum tempo na oração e no lazer.
- Henrique:* Está na hora de ir ao oratório. Temos muitos motivos para agradecer a Deus.
- Gabriel:* Depois da oração teremos uma comida suculenta, preparada com carinho de Irmão. Vamos... *(Saem).*
- (Interior de um gabinete simples. É uma das escolas da paróquia de S. Sulpício. La Salle e Henrique falam confidencialmente. La Salle expressa respeito a Henrique, o novo Superior da Instituição. Luzes de uma manhã radiante de sol).*
- La Salle:* Eu o felicito, Ir. Henrique, por seu cargo de novo Superior dos Irmãos das Escolas Cristãs. Quero prestar-lhe minha total obediência.
- Henrique:* Sou muito jovem ainda para ser Superior. Aceitei por puro espírito de fé.
- La Salle:* A juventude não é um defeito, nem uma virtude. É uma etapa privilegiada da vida em que o homem se torna homem.
- Henrique:* Espero seus conselhos, sua colaboração no governo de nossa pujante instituição. *(Entra um Irmão com um envelope nas mãos e o entrega a La Salle e sai).*
- La Salle:* É uma carta do Arcebispado de Paris para o Superior dos Irmãos das Escolas Cristãs... portanto é para o senhor.
- Henrique:* *(Abre o envelope, lê a carta em voz alta).* “Como primeiro pastor e primeira autoridade da Diocese, mando ao Sr. João Batista de La Salle que permaneça à frente dos Irmãos das Escolas Cristãs, como Superior. Com a mesma autoridade exijo que o Ir. Henrique L’Heureux rescinda sua recente nomeação em favor do Sr. de La Salle. O que digo vem acompanhado da autoridade apostólica, da qual sou sucessor indigno. Louis-Antoine de Noailles”.
- La Salle:* Mas, não pode ser.
- Henrique:* Fico feliz por tê-lo novamente como Superior. Chamarei imediatamente os Irmãos e depois o comunicaremos a todos os outros. *(Sai para chamar os Irmãos. Entram alguns Irmãos precipitadamente).* Temos uma notícia muito importante: o Sr. Arcebispo manda que João Batista continue à frente de nós como Superior. Estou muito feliz.

- Gabriel:* Ainda não era o momento de eleger outro Superior. Elegemos o Ir. Henrique porque o senhor nos pediu uma e mil vezes que deixássemos o senhor livre do cargo.
- Nicolau:* A hora de Deus não coincide com a hora do homem.
- Henrique:* Todos estamos felizes porque o senhor continua sendo nosso Superior.
- La Salle:* A tormenta começa a sacudir nossa obra. O que acaba de ocorrer é uma prepotência do Sr. Arcebispo. Acato-lhe as ordens, contudo, tenho algumas coisas a lhes comunicar. Infelizmente são desagradáveis.
- Bartolomeu:* Não temos medo. Partilhando a dor entre todos, nós a suportaremos facilmente.
- La Salle:* A decisão do Sr. Arcebispo obedece foi causada pelo pouco apreço que ele tem do caráter laical dos Irmãos. Diante do clero, somos pouca coisa... Para que isto não aconteça de novo, decidi enviar o Ir. Henrique ao Seminário dos Cônegos Regulares da Abadia de S. Dionísio em Reims. Será sacerdote.
- Gabriel:* É uma brilhante decisão; assim teremos sempre um Superior surgido dentre nós.
- Nicolau:* Isto é importante. Os outros Irmãos também vão gostar.
- Henrique:* Estou pronto para obedecer ao que os Irmãos vão dizer e ao que nosso Superior ordenar...
- Gabriel:* Estamos ansiosos por conhecer as más notícias que nos prometeu comunicar. *(As pessoas mudam de atitude e de expressão facial).*
- La Salle:* *(Com naturalidade)* O Pe. Companhão, ajudante do Pe. De La Barmondière, acusa os Irmãos que trabalham na escola de S. Sulpício, de dilapidar os fundos destinados à fundação. Muitas senhoras piedosas deram crédito e suprimiram sua colaboração econômica.
- Gabriel:* Podemos continuar com a ajuda de outras pessoas que nos prometeram seu apoio.
- La Salle:* Os professores calígrafos incendiaram várias escolas nossas em Paris. A da rua do Bac foi literalmente saqueada, e os Irmãos tiveram de sair como criminosos.
- Bartolomeu:* *(Chateado)* Se eu tivesse estado ali, mais de um calígrafo teria saído com as calças destroçadas.
- La Salle:* O supervisor das escolas de Paris, a favor dos calígrafos, acaba de ditar uma sentença:...fechamento das Escolas Cristãs, por serem contra o progresso da nação. Não nos perdoam a gratuidade de nossas escolas. Na cidade de Vans, a população seguidora dos huguenotes, agrediu os Irmãos. Estiveram a ponto de serem linchados alguns Irmãos

nossos. Não tendo proteção das autoridades, tive de fechar algumas escolas, ficando muitas crianças na rua... Os mestres calígrafos prosseguiram em seu afã de nos fazer desaparecer. Conseguiram do Parlamento de Paris a proibição de estabelecer nenhuma outra comunidade de professores. Além disso, nos tiram o direito de ensinar...

Gabriel: Não existe mais justiça! Isto é inconcebível. Não podemos ficar de braços cruzados.

Henrique: Ouvi outras acusações monstruosas contra o senhor. O rumor está batendo à porta de nossas comunidades... não podemos ficar calados.

Bartolomeu: Eu digo o mesmo. Se eles contam com amigos influentes, também nós temos pessoas de peso: os senhores vigários, os senhores bispos, algumas madames da alta aristocracia.

Gabriel: Sobretudo lá estão os pais de nossos alunos, o povo nos apóia plenamente. Não será fácil fazer-nos calar a boca.

La Salle: Ainda há outro assunto muito grave: os tribunais têm contra mim uma sentença de prisão por corrupção do Sr. Clément. Vocês conhecem o fato do Sr. Clément. Quando este era jovem, após muita insistência aceitei 5.200 libras, como esmola para as escolas pobres. O documento foi assinado pelo Sr. Roger, tutor do jovem Clément, e eu, representante da Instituição. O Sr. Clément, instigado por alguns familiares me acusou de tê-lo enganado e roubado aquela importância. Por isso tenho denúncia de prisão.

Bartolomeu: Não podemos continuar assim. O senhor apresenta a face, sem mais!?

La Salle: Na realidade ganhei todos estes processos. A marquesa Francisca D'Aubigne colaborou muito para isso... contudo, não estamos seguros. Em qualquer momento podem surgir outros problemas sérios. É importante que escolham um novo Superior. Eu estou cansado e cometi muitos erros.

Gabriel: Devemos reunir-nos quanto antes num encontro geral. Entre todos, analisaremos esta situação. Tomaremos conjuntamente resoluções importantes.

La Salle: O importante agora é recorrer a Deus e guardar muita serenidade. Vou deixar vocês. Preciso rezar, conversar com Deus. Somente ele pode iluminar-nos e manter-nos nesta nova tormenta que paira sobre nossas escolas. *(Repentinamente ouvem-se gritos desordenados. São grupos de mestres calígrafos que atacam a escola em que estavam reunidos os Irmãos. Ouvem-se gritos desordenados...)*

Calígrafos: Precisamos enforcar a todos... Eles nos roubam o pão com suas malditas escolas... As crianças não gostam mais de nós... Fora com esses padrecos professores... Morram esses camponeses disfarçados em professores... Não os queremos aqui... Perverteidores da juventude e

da ordem pública... (*Golpeiam, insultam, quebradeira... os Irmãos se agrupam assustados, menos Bartolomeu*)

Bartolomeu: Vou sair e estrangular a um destes! Também sei brigar!... (*Agarra uma cadeira e pretende sair, os demais também. La Salle os segura*)

La Salle: Precisamos manter serenidade. Acabamos de prometé-lo. Não somos selvagens nem pugilistas. A força está em nossas obras. Aliás, devemos amar a todos. isto é difícil, mas é preciso cumpri-lo. Também eu tenho vontade de brigar...mas perderíamos nossa influência junto das crianças. Não ficaremos de braços cruzados. Vamos defender-nos, não com os punhos, mas com a força da palavra.

Bartolomeu: Essa gente não entende a força dos argumentos. Entendem somente a força dos punhos.

La Salle: Somente os irracionais constroem o mundo com a força da violência... (*Dirigindo-se a todos*) Vamos sair daqui...este fim de semana nos reuniremos em Saint-Yon. Chamem os principais Irmãos de todas as comunidades. (*Os gritos ouvem-se mais alto...*) Vamos! (*Todos saem. Continuam os gritos, intervém uma música violenta e uma voz que diz:*)

Calígrafos: Não ficou mais nenhum destes urubus...Não os queremos mais aqui. Para ensinar os meninos, nós bastamos!...

(*Lugar simples. A troca de cenário deve fazer-se durante o tempo das luzes apagadas. É preciso providenciar cadeiras suficientes para o que segue. Luzes que indicam a meia manhã*).

Noailles: Os Irmãos praticam a obediência cega. Não é a primeira vez que lhes imponho minha autoridade. Sou o pastor. Devo cuidar de meu rebanho.

Pirot: Nesta oportunidade requer-se muito tino, senhor cardeal. O senhor conhece o relatório que lhe apresentei acerca do proceder de João Batista de La Salle. Todo ele é negativo. Assim pensam alguns Irmãos com os quais pude conversar esporadicamente.

Bricot: (*É uma figura cheia de manias. Jovem sacerdote. Vem com muitos anéis e adornos, mais parece um príncipe imberbe. Vaidoso*). Tenho muito receio de ser aceito pelos Irmãos como seu novo Superior.

Noailles: (*Tranqüilizando-o*) O senhor é clérigo. Tem a altíssima dignidade de sacerdote. Esses pobres irmãozinhos aceitarão sem vacilar, vai ver! Além disso, tenho o Dom da palavra. Ficarão de boca aberta diante de meus argumentos sólidos, veementes e bem alinhavados. (*Nesse instante entram os Irmãos. Também La Salle. No rosto dos Irmãos se nota curiosidade*).

La Salle: Excelentíssimo sr. bispo: aqui estão os Irmãos que integram nosso Conselho. Representam a instituição espalhada por toda a França. (*Di-*

rigindo-se aos Irmãos). Escutem com filial atenção o que o Sr. bispo vai dizer.

- Noailles:* Queridíssimos filhos. Minha visita obedece a um assunto de vital importância para a sobrevivência da Instituição dos Irmãos das Escolas Cristãs. Vosso Superior, João Batista de La Salle, soube conduzir-vos com sabedoria, prudência e tenacidade.
- Pirot:* O Sr. de La Salle é um eminente teólogo. Para os jovens sacerdotes é um modelo de virtudes heróicas.
- Bricot:* Eu o conheço desde meu seminário menor. Nossos formadores nos diziam: em João Batista de La Salle vocês têm um verdadeiro exemplo do que deve ser um sacerdote.
- Maurício:* Estamos bem de acordo com o que acabam de expressar.
- Francisco:* Para nós, ele mais um pai do que um superior.
- Noailles:* *(Erguendo a voz para impor mais importância a sua pessoa)*. Meus amadíssimos filhos: estou plenamente de acordo com o que aqui ficou dito. Mas os anos passam, a idade avança. Vosso querido Superior, João Batista, está muito doente. Quase acabado. Ele precisa de descanso, precisa deixar seu cargo, esquecer suas responsabilidades de conduzir a Instituição dos Irmãos das Escolas Cristãs... Não só isso, muitos cargos estão pesando sobre ele. Os próprios Irmãos se queixam de seus achaques. O Pe. Pirot fez uma minuciosa investigação a esse respeito. Muita gente odeia João Batista de morte; precisamos evitar isso.
- Maurício:* E quem seria nosso novo Superior?
- Noailles:* O Pe. Bricot, eminente teólogo, doutor, com a nota summa cum laude, pela Universidade da Sorbona. É um sacerdote jovem, virtuoso. Ele conhece profundamente a vossa Instituição.
- Bartolomeu:* Somos suficiente de maior idade para solucionar nossos problemas. Não precisamos alguém de fora para isso.
- Maurício:* Se o Pe. Bricot quiser ser Superior, que procure outros súditos! Nenhum Irmão das Escolas Cristãs vai ser-lhe um súdito.
- La Salle:* *(Suplicando)* Por favor, Irmãos, aceitem a proposição de nosso Arcebispo!
- Francisco:* O senhor, nosso pai e fundador, nos ensinou a obedecer o que for justo, o que não for contra a caridade.
- Bartolomeu:* O que está acontecendo aqui é uma prepotência do sr. Arcebispo. Não acataremos sua decisão.

- Noailles:* (Com raiva dissimulada) Irmãozinhos, eu não aceito a vossa insubordinação. Minha decisão será cumprida, por bem ou por mal.
- Bartolomeu:* Não adianta mostrar mais autoridade! Não obedeceremos! Aliás, não é a primeira vez que o sr. cardeal se imiscui em nossos assuntos internos.
- Francisco:* Pode lançar sobre nós qualquer tipo de anátemas, se quiser.
- Gabriel:* Inclusive a excomunhão! Deus é nosso juiz.
- Maurício:* Não temos outro Superior fora de João Batista de La Salle.
- Noailles:* Esta é a obra de João Batista. Foi ele quem lhes inculcou um tal proceder.
- Bartolomeu:* Nosso fundador se preocupa de coisas mais importantes.
- La Salle:* (Cai de joelhos diante de Noailles, pedindo-lhe perdão....Gabriel o detém) De novo peço seu perdão para mim e para meus Irmãos.
- Gabriel:* O que o senhor está fazendo, Pai e Superior?...A gente se ajoelha diante da verdadeira vontade de Deus.
- Bartolomeu:* Vamos embora!... Sr. Pe. Pirot, seja mais correto em seus relatórios ao Cardeal. Sr. Pe. Bricot, pedimos-lhe que procure outros súditos. (Dirigindo-se a todos). Vamos embora! Temos muitas coisas importantes a tratar. (Levam consigo a La Salle. Ficam apenas Noailles, Pirot, e Bricot em atitude chateada, sem saber o que fazer).
- Noailles:* Eu não esperava isto dos Irmãos. Nunca esquecerei este desacato.
- Pirot:* Creio que sim...Isto pode causar um precedente...
- Bricot:* Acho que não se trata de uma insubordinação. É a reação de uma família unida.
- Noailles:* Para falar verdade, o que o senhor acaba de dizer é correto.
- Bricot:* Se em nossa diocese, todas as comunidades estivessem tão unidas e compenetradas como os Irmãos, seria maravilhoso para toda a Igreja.
- Pirot:* Os vigários de nossa diocese não têm uma faísca sequer de solidariedade que estes têm. Que papelão!...Pois é! Aprendemos uma grande lição: não nos metamos lá onde não precisam de nós!
- Noailles:* Silêncio absoluto sobre tudo o que aconteceu!... Seria uma vergonha para os três.
- Bricot:* Pode estar tranqüilo, eminência. Não convém abrir a boca. (Saem).

(Mesmo lugar da cena anterior. Mudança de luz. Entram os Irmãos com cautela. O primeiro a fazê-lo é Bourlette. Também La Salle).

- Bourlette:* Graças a Deus, foram embora. Espero que tenham aprendido a lição de não se meter no que não devem. (*Comunica aos outros a boa notícia*). Podem entrar. Não há inimigos na fronteira!... (*Entram conversando*).
- Gabriel:* Nosso fundador tem ainda mais notícias importantes a comunicar.
- Bourlette:* Podemos continuar nossa reunião extraordinária.
- La Salle:* Lamento demais o que aconteceu. Não devemos ocupar-nos mais do incidente desagradável. O resto dos Irmãos não deve ficar sabendo disto.
- Maurício:* Assim o prometemos...Sugiro que continuemos nossos assuntos.
- La Salle:* É necessário eleger um novo superior para nossa Congregação. A morte do Ir. Henrique L'Heureux foi um rude golpe para nós.
- Francisco:* O Irmão que vamos eleger para superior, deverá ser sacerdote?
- La Salle:* Não!... A partir de agora, o Superior será um Irmão como todos vocês.
- Gabriel:* É o melhor que podemos fazer. Os privilégios não cabem em nossa fraternidade.
- La Salle:* Os tempos são difíceis. Muitos Irmãos faleceram. A fome açoita nosso país.
- Bourlette:* Nós o agüentamos com alegria. Muitas vezes, esgotados pelo trabalho, vamos ao refeitório, damos a bênção à mesa vazia. Sentamos para louvar a Deus.
- Maurício:* Já estamos acostumados a levantar-nos da mesa de estômago vazio.
- Gabriel:* Acima do pão e do prato de legumes está nossa fidelidade. João Batista, Nicolau Vuyard e eu, fizemos um vot muito especial. Decidimos entregar nossa vida à obra das Escolas Cristãs, mesmo no caso de todos a abandonarem, e tenhamos de viver somente de pão.
- Bartolomeu:* Todos nós estamos dispostos a fazer o mesmo voto especial.
- La Salle:* Pouco a pouco!... O urgente agora é eleger um novo Superior.
- Bourlette:* Com uma condição... que o senhor se comprometa a permanecer sempre junto da Congregação.
- La Salle:* Isto eu prometo! A Congregação é a pele de meu corpo.

- Maurício:* Então vamos em frente!
- Francisco:* Vamos proceder com a mão levantada. Temos bastante confiança.
- Bourlette:* Proponho o Ir. Bartolomeu para o cargo de Superior. (*Vozes apoiam a moção*).
- Gabriel:* A eleição do Ir. Bartolomeu é unânime.
- La Salle:* Receba minha obediência, Ir. Superior. (*Os outros o cumprimentam*).
- Bartolomeu:* Estou desconcertado com a eleição... confio em Deus e todos vocês. Aceito a nomeação. Se o faço é para evitar que outro estranho à Congregação, ocupe a direção de nosso Instituto. (*Nesse momento entra Vuyard, que tinha sido Irmão Nicolau. Trajado de roupas seculares elegantes*).
- Vuyard:* Olá, amigos de tantas desventuras. Pelo visto continuam na mesma ilusão de antigamente... Sinto muito!
- Gabriel:* Não seja insolente, Nicolau... Você deveria ter vergonha de aparecer desta maneira... aliás, você é um traidor!
- Vuyard:* Traidor? Você sabe exatamente o que significa ser traidor?
- La Salle:* (*Irrompe com decisão. Mudança de luzes. La Salle e Vuyard aparecem em primeiro plano. Os outros permanecem na penumbra*). Eu sei o que significa ser traidor.
- Vuyard:* Poderia me explicar, Sr. de La Salle...
- La Salle:* Significa retirar a semente antes da colheita. Guardar a vida para si mesmo. Rir dos pobres.
- Vuyard:* Para o senhor não existe a debilidade humana, a fragilidade de vontade, o desorientar-se do caminho...o senhor procede como procedem os gregos da literatura clássica.
- La Salle:* Existe a debilidade humana; também a capacidade de optar. Também é humano desandar o andado, se houve erro. Tudo isso se aceita na vida...Mas mentir, enganar, fingir, aparentar... escapam dos trilhos por onde corre a vida.
- Vuyard:* O senhor peca por rigorismo, Sr. de La Salle...O senhor fracassou, não quer admiti-lo. O Senhor se agarra a seus frágeis e tresloucados ideais. Muitos Irmãos desertaram da congregação, outros morreram de inanição...o que lhe importa a dor humana?...
- La Salle:* O que você está falando são coisas alheias a sua própria realidade; são desculpas que você mesmo usa como escudo de sua covardia. Eu sou homem limitado. A deserção e a morte dos Irmãos são realidades normais da história... enquanto todos nós sofríamos, você deveria ter-se comportado como um ser humano.
- Vuyard:* E não foi essa minha atitude?

- La Salle:* Você se comportou como um verdadeiro ladrão. Você tinha sido colocado como Diretor de uma Escola Normal Rural. O Vigário de S. Hipólito confiou em você e, ao falecer, deixou suas rendas para o Instituto, em favor da Escola. Infelizmente você matou a fundação apoderando-se do dinheiro.
- Vuyard:* Eu tinha de assegurar o meu futuro. Tantos anos de trabalho... o senhor não compreende o coração do homem. Não tem direito de comparar-me com Judas.
- La Salle:* Não o comparo com Judas. Judas vendeu o Senhor e procurou arrendimento. Não foi um traidor. Além disso nunca fingiu ser diferente do que era. Você não vendeu, você roubou. Seu roubo não foi à Congregação, mas aos pobres. (*Acendem as luzes...*)
- Gabriel:* Some daqui!...Vai para o mundo das trevas. Como és covarde, continuarás assim durante o resto de tua vida. Serás covarde para tudo, nunca assumirás uma responsabilidade. A mulher que lhe cair nas mãos será uma vítima.
- Bartolomeu:* Some com teu dinheiro...Some com tua filosofia, sobretudo com tua covardia...
- Vuyard:* Não sei o que devo pensar de vocês. Ou são pobres iludidos, ou superhomens. Nenhum dos dois é do meu feitio.
- Bartolomeu:* Vai embora!...
- Vuyard:* (*Insolente*) Tanta ira não assenta bem no inflamado Superior dos Irmãos das Escolas Cristãs.
- Francisco:* Basta, basta!... Vai-te embora! (*Todos os Irmãos empurram a Vuyard. La Salle fica sozinho. Luzes que indicam interioridade*)
- La Salle:* Nós homens caímos como um velho edifício. Somente Deus permanece. É a realidade que custa admitir...

Cai o pano

ATO V

(Parmênia. Um espaço aberto. Pequena montanha no fundo, em meio dos bosques e dos prados. Numa simples cabana mora uma mulher de certa idade. É Irmã Luísa. Tem fama de santidade... o diálogo é sereno e profundo como convém a duas pessoas inteiramente entregues ao serviço de Deus. Música apropriada)

- La Salle:* A solidão me fascina. O silêncio me transforma. Saboreei o céu na Grande Cartuxa de Grenoble... na quietude a gente pode ouvir a voz criadora de Deus, a voz suave da humildade e a voz serena da consciência.

- Luísa:* Que é que o traz a Parmênia?
- La Salle:* Minha falta de clareza. Quem me sugeriu para vir aqui foi o Pe. Saleão, pároco de Aix.
- Luísa:* *(Depois de um momento de silêncio).* Por que está fugindo, Sr. de La Salle?
- La Salle:* É porque não agüento mais. Não posso mais!....
- Luísa:* É verdade que seus problemas são sérios. Ontem me contou detalhadamente tudo. Pois bem, a tempestade de problemas que caíram sobre o senhor, inundaram somente o exterior de sua pessoa. Quero que me conte o que sente em seu coração.
- La Salle:* Estou certo de que todos os males que caíram sobre as Escolas e sobre o Instituto são causados por minha incapacidade e por meus graves pecados. O melhor que posso fazer é deixar o caminho livre, ir para terras estranhas, esconder-me e morrer.
- Luísa:* Se o senhor abandonasse as Escolas Cristãs e a Congregação, cometeria uma verdadeira traição.
- La Salle:* *(Espantado)* Traição? Não entendo o que você quer me dizer.
- Luísa:* Muito simples. As escolas e a Congregação nasceram e cresceram com o senhor. O desenvolvimento precisa continuar. Se o senhor abandona as escolas, se as entrega à própria sorte... dentro de pouco virão abaixo. A obra morrerá sem remédio.
- La Salle:* Irmã Luísa, Deus é o fundamento da obra.
- Luísa:* Deus é o fundamento da obra, mas através do senhor. O senhor está esquecendo a lei da Encarnação. O senhor crê unicamente num Deus encarnado em Cristo, mas ignora a mesma maravilha nas obras, nos acontecimentos, na história.
- La Salle:* Isto me cheira a pedantismo.
- Luísa:* A verdade nunca é vaidosa, a covardia, sim! Senhor de La Salle, não se pode brincar de lançar os dados para continuar a obra de Deus. O senhor quer brincar de ser pecador e indigno. No fundo o que quer é manipular a Deus.
- La Salle:* Suas palavras me atravessam o coração de lado a lado.

- Luísa:* Ao fugir, o senhor se encontrará consigo mesmo. Vai encontrar a solidão. Deus nunca está na solidão. Ele é Comunidade, presença viva, palavra, fração do pão, banquete. ...O silêncio é importante; a solidão é uma enfermidade.
- La Salle:* Irmã Luísa, neste ermo, a senhora não vive na solidão?
- Luísa:* Absolutamente não! Neste silêncio converso com Deus, falo com os homens. Minha companhia é a vida cansada dos outros. Muitos vêm a Parmênia carregando sua cruz. Eu os alivio, mostro-lhes a realidade... todos eles retornam cantando para viverem sua vida. Deus me escolheu para essa missão. Estou aqui por vocação. Este é meu lugar, abandoná-lo seria fugir de minha realidade.
- La Salle:* Então, devo voltar para a realidade da qual estou fugindo?
- Lísa:* Sim! E o mais cedo possível. Suas escolas, seus Irmãos e as centenas de meninos o estão esperando...o senhor não tem outra companhia do que sua Instituição.
- La Salle:* É pura verdade. Não há momento em que meu pensamento não se ocupe de minha Congregação e das Escolas. É minha vida que está em jogo.
- Luísa:* O que amamos, às vezes, exige de nós o sofrimento, a dor, a humilhação, a perseguição... O que acontece é que, ao se manifestar a glória de Deus, o mal se organiza numa cadeia de dificuldades, promovidas por homens de carne e osso. Homens que não gozavam as delícias do bem em suas obras.
- La Salle:* Irmã Luísa... devo voltar imediatamente. Meus Irmãos de Instituição me escreveram várias cartas. O Irmão Bartolomeu, Superior da Congregação, me manda incorporar-me à obra em virtude do voto de obediência.
- Luísa:* Os problemas continuarão castigando-o impiedosamente. O senhor deve manter-se firme por amor. Sofrendo por amor, sente-se o sabor amargo do cálice de Cristo. O amor transforma o sofrimento. Rezarei para que se mantenha de pé por puro amor, não por teimosia.
- La Salle:* Peça a proteção de Deus sobre minha pobre pessoa.
- Luísa:* Pedirei para que Deus lhe mantenha o Dom da fé. A proteção de Deus pode fomentar um infantilismo de conseqüências muito lamentáveis para a saúde mental. Ao contrário, a fé nos faz crescer e amadurecer no amor.
- La Salle:* Muito obrigado e adeus!

Luísa: Adeus! E vá com Deus!

(As luzes apagam. Mudança de cenário. Um quarto, algumas cadeiras, uma poltrona. Nenhum luxo. Música. Luzes indicando a aurora de um novo dia. Bartolomeu e La Salle se encontram conversando com naturalidade).

La Salle: Apesar das semanas que passaram, continuo lastimando minha fuga para Parmênia.

Bartolomeu: O senhor agiu como um homem normal. Diante de tantos golpes não merecidos, é preciso tomar um pequeno descanso. Além disso, nós estávamos muito apegados a sua pessoa e não à obra que Deus fez surgir através do senhor. Aprendemos a apreciá-lo a partir da dimensão da responsabilidade.

La Salle: Deus realiza maravilhas nos homens que sabem escutá-lo.

Bartolomeu: Caríssimo Pai e Fundador, o senhor levará uma vida descansada nesta casa. Os médicos recomendaram isto. O senhor precisa recuperar-se bem para continuar impulsionando a obra. Por isso o coloco à frente dos Irmãos novíços. Em seus momentos livres continue escrevendo obras de espiritualidade e de pedagogia, como só o senhor sabe fazer.

La Salle: Assim eu me sinto como sobre almofadas, Irmão Superior.

Bartolomeu: Voltando ao tema de seus escritos, todos os Irmãos estamos muito satisfeitos com os livros que escreveu para nós: **Explicação do Método de Oração, Meditações para o Tempo do Retiro, Meditações para todos os Domingos do Ano, Meditações para as principais Festas. A Coleção de Pequenos Tratados** é um belíssimo livro que recolhe as principais virtudes que um Consagrado a Deus deve praticar. Depois, a **Memória sobre o Hábito, as Regras Comuns dos Irmãos das Escolas Cristãs, a Prática do Regulamento diário e a Regra do Irmão Diretor** nos dão uma personalidade jurídica própria.

La Salle: É minha modesta contribuição ao que os próprios Irmãos irão redigindo a partir de sua própria experiência.

Bartolomeu: E que dizer das obras dirigidas aos alunos, como: **Deveres do Cristão, Do Culto exterior e público, Instruções e orações, Exercícios de Piedade, Cânticos, Regras de Civilidade Cristã.** Todo o mundo as lê e as comenta favoravelmente.

La Salle: O feliz êxito destas publicações se fundamenta sobre a origem que as motivou: a realidade dos meninos. Para eles não se pode escrever a partir das nuvens.

Bartolomeu: No terreno das ciências da educação, o livro intitulado **Guia das Escolas**, chamou a atenção de todos. inclusive os mestres calígrafos o consideraram como uma verdadeira contribuição ao progresso da educação.

La Salle: Deus seja bendito! Graças a todos vocês que me fizeram chegar suas acertadas observações, baseadas sobre a experiência de sala de aula... Empregarei o tempo livre para escrever muitas cartas. Tenho a correspondência atrasada.

Bartolomeu: Vou deixá-lo tranqüilo. Observará um horário especial e um regime particular durante todo o tempo prescrito pelo médico. Estamos em plena celebração da Semana Santa. Não se preocupe de cumprir os Exercícios de piedade que se rezam na Comunidade. Isto lhe ordeno como Superior da Instituição.

La Salle: Farei tudo o que me assinalou. Mas, parece-me que estão exagerando nos cuidados com minha pessoa. Tenho forças suficientes para trabalhar e celebrar a missa em Comunidade.

Bartolomeu: (*Preocupado*) A Missa...? Celebrar a Missa...?

La Salle: Sim; celebrar a Santa Missa. Sempre o fiz. O que está acontecendo? Estou tão acabado?

Bartolomeu: Não é isso, Pai e Fundador.

La Salle: (*Angustiado*) E então...?

Bartolomeu: (*Tirando um envelope do bolso*). Esta carta está endereçada a mim.

La Salle: E o que é que ela diz?

Bartolomeu: O senhor conhece a impetuosidade do vigário de S. Severo. Ele está muito ressentido porque negamos colaborar em certas atividades tradicionais da paróquia. Mas ele nos acusou diante do Bispo de faltas que nunca cometemos. Ao senhor, La Salle, acusa de ser o cabeça desse desacato. O Bispo acreditou em todas as calúnias e manda uma carta em que priva o senhor da licença de exercer seu ministério sacerdotal e também lhe proíbe ouvir confissões. E isto sob pena de excomunhão.

La Salle: Deus seja bendito! O mal continua a mostrar a sanha contra a obra de Deus. Celebrarei a Semana Santa de maneira muito especial.

Bartolomeu: (*Angustiado*) Hoje é o dia do perdão. É Quinta-feira santa, dia em que Cristo instituiu a Eucaristia, Sacramento da Unidade.

La Salle: Não sinto rancor nenhum contra meus perseguidores. Perdôo a todos de coração... Ir. Superior, o senhor tem suas obrigações. Muito obrigado por sua compreensão e seu carinho. *(Bartolomeu o abraça com delicadeza, e o faz sentar na poltrona e sai).*

(Mudança de luzes. La Salle fala ao público. É de manhã. O mesmo lugar. A poltrona deve estar preparada. Grupos de crianças e de jovens, de todas as raças, aparecerão no momento oportuno. Também o grupo de Irmãos, exceto Gabriel. Música).

La Salle: O sofrimento me atravessa o corpo todo...meus amigos me deram as costas. Muitos homens de Deus me difamaram. Os poderosos procuraram estrangular a obra das Escolas. A perseguição nos faz viver a angústia do marginalizado. *(Levantando a voz)* Por que será que devo sofrer tanto? Por que, meu Deus, nosso Senhor? Estou sozinho, muito só. Meus Irmãos de Instituição não podem fazer outra coisa do que sentar-se a meu lado para me confortar, para sorrir para mim...mas a solidão remói minhas entranhas. Quando te falo, meu Deus, não quero a tua resposta, mas a capacidade de compreender a tua presença entre os homens, tua presença nos acontecimentos, tua presença na história. Não grito perante o teu trono, grito para poder sentir a tua voz paternal na suavidade da convivência, no sorriso das crianças que me confiaste, na alegria de meus coirmãos, na dor que purifica, na alegria que anima. Nunca eu quis encontrar-te no céu. Eu te busquei lá onde teu Reino acontecia. Com loucura amei a terra entregando-me aos homens. Preferi todos, porque são teus filhos. Ao pobre e ao rico dei minhas carícias, como tu, Pai Santo, que fazes sair o sol sobre bons e maus, sobre justos e injustos... Obrigado, Pai Santo, por me libertares do poder do dinheiro, da política, da fama. Obrigado porque me fizeste amar os pobres, os humildes, sem desprezar os outros. Não hastei nenhuma bandeira ou brasão. Construí o teu Reino nesta Terra... A pesar do sofrimento, da traição e da perseguição, continuo a apostar em ti, meu bom Pai. Minha vida inteira é a palavra de fidelidade que te ofereço. É o triunfo de tua graça em minha debilidade. Assim como Jesus, teu Filho, espero tua resposta fiel sobre tua obra, sobre minha pessoa. Não peço milagres. Só peço que deixes o homem ser homem, sem te afastares de sua vida. Usa tua onipotência para ajudar a todos, sem torcer a história, sem esmagar a liberdade... Tu és meu Deus e contigo quero andar sempre! *(Cansado, se senta... Entra o Ir. Francisco, que assustado, corre para junto dele)*

Francisco: Querido Pai e Fundador, que está acontecendo? Vou chamar a Comunidade. *(Sai correndo. Entram os Irmãos apressadamente).*

Bartolomeu: *(Dirigindo-se a La Salle)* Está-se sentindo mal? Que está acontecendo?

La Salle: Não está acontecendo nada. Só me sinto muito cansado, isso é tudo.

Bartolomeu: Hoje é Sexta-feira santa, é o dia da fidelidade ao sacrifício.

- La Salle:* Sim, meu Irmão. (*Todos o rodeiam*) Diante da Comunidade aqui reunida, quero expressar um pensamento muito especial que de há muito tempo aflora a meus lábios (*Baixa a voz. Está muito fraco. Os Irmãos se assustam*).
- Maurício:* Queremos ouvir suas palavras.
- La Salle:* (*Rosto sereno*) “Eu lhes confesso que, se Deus, ao mostrar-me o bem que este Instituto podia produzir, me tivesse mostrado também os sofrimentos e as cruzes que deviam acompanhá-lo, a coragem me teria faltado, e longe de me encarregar dele, não teria aplicado sequer a ponta do dedo para emprender esta obra”.
- Maurício:* Pai e Fundador, na obra do amor, os fatos se juntam pela fidelidade a Deus e aos homens.
- La Salle:* Irmão Francisco, você é jovem e tem a sabedoria de Deus... “Deus que conduz todas as coisas com sabedoria e suavidade, e que não costuma forçar a vontade dos homens, quando Deus quis que eu me compromettesse no cuidado das Escolas, ele me conduziu de maneira imperceptível e pouco a pouco, de modo que um compromisso me levava ao seguinte, sem que eu o pudesse prever de começo”.
- Bartolomeu:* A obra está estendida por toda a França. A porta do mundo se abre a nossas Escolas. Os Irmãos Gerardo e Gabriel Drolin abriram algumas Escolas nossas em Roma. O Papa poderá dar-se conta da mística de nossa Instituição.
- La Salle:* “O espírito deste Instituto é, em primeiro lugar, o espírito de fé, que deve mover os que o compõem a não considerar nada senão com os olhos da fé; a não fazer nada senão em vista de Deus e atribuir tudo a Deus... Em segundo lugar, o espírito deste Instituto consiste no zelo ardente de instruir as crianças e educá-las no santo temor de Deus. Os Irmãos desta Sociedade se esforçarão, por meio da oração, da instrução, da vigilância e da boa conduta na Escola, a procurar a Salvação dos meninos que lhes foram confiados, educando-os na piedade e no verdadeiro espírito cristão, isto é, segundo as regras e máximas do Evangelho”. (*Ao terminar a frase ouvem-se vozes que indicam o crescimento da obra, o triunfo da fidelidade de La Salle...grupos heterogêneos: ricos, pobres, mestiços, negros,... Os diversos grupos, com voz forte, inundam a sala. Música e luzes*).
- Grupo 1:* A. E. I. O. U.....A. E. I. O. U..... A. E. I. O. U.....
- Grupo 2:* Bem-aventurados os que têm a Deus por riqueza, porque deles é o Reino de Deus. Bem-aventurados os humildes de coração, porque eles terão por herança a terra. Bem-aventurados os que choram pelo bem, eles se-

rão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados...

Grupo 3: Duas vezes um, dois; duas vezes dois, quatro; duas vezes três, seis; duas vezes quatro, oito...

Grupo 1: A. E. I. O. U.....A. E. I. O. U..... A. E. I. O. U.....

Grupo 3: Duas vezes cinco, dez; duas vezes seis, doze; duas vezes sete, catorze.

Grupo 2: Bem-aventurados os que perdoam de coração, porque eles serão perdoados. Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus. Bem-aventurados os que buscam a paz, porque eles serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça verdadeira, porque deles é o Reino de Deus, (*Música*).

Bartolomeu: Pai e Fundador, está ouvindo o grito novo de nossas crianças, jovens e operários? Vale a pena sacrificar tudo...

La Salle: Sim; estou ouvindo. É o triunfo de Deus... A obra deve continuar apoiada em Deus e nos ombros fracos dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Francisco: Milhares e milhares de analfabetos cantam a sua libertação.

La Salle: Os pobres devem ser os preferidos da Instituição, mas sem demagogias... Antes de mais nada, a Escola Cristã deve procurar construir sempre o Homem novo à luz do Evangelho de Cristo... (*Todos o rodeiam. A música continua com suavidade. La Salle se chega ao primeiro plano e diz:*)

“Adoro em tudo a vontade de Deus para comigo”!

Cai o pano